Educação

2026 | ANUÁRIO 07 | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

mais expressão

Para o educador Éliton Meireles, a IA não diminui a escola, ela torna ainda mais importante aquilo que é humano no aprendizado.

ESCOLA E IA: O QUE MUDA NO JEITO DE APRENDER



PROFESSORES NO LIMITE

Os desafios de quem está na linha de frente da educação

QUEM ENSINA OS PAIS

Nunca tivemos tanta informação sobre educação Por que educar parece cada vez mais difícil?

A VIOLÊNCIA QUE A IA INVENTA

Quando imagens, vídeos e narrativas criadas por máquinas ultrapassam os limites entre tecnologia, realidade e responsabilidade.

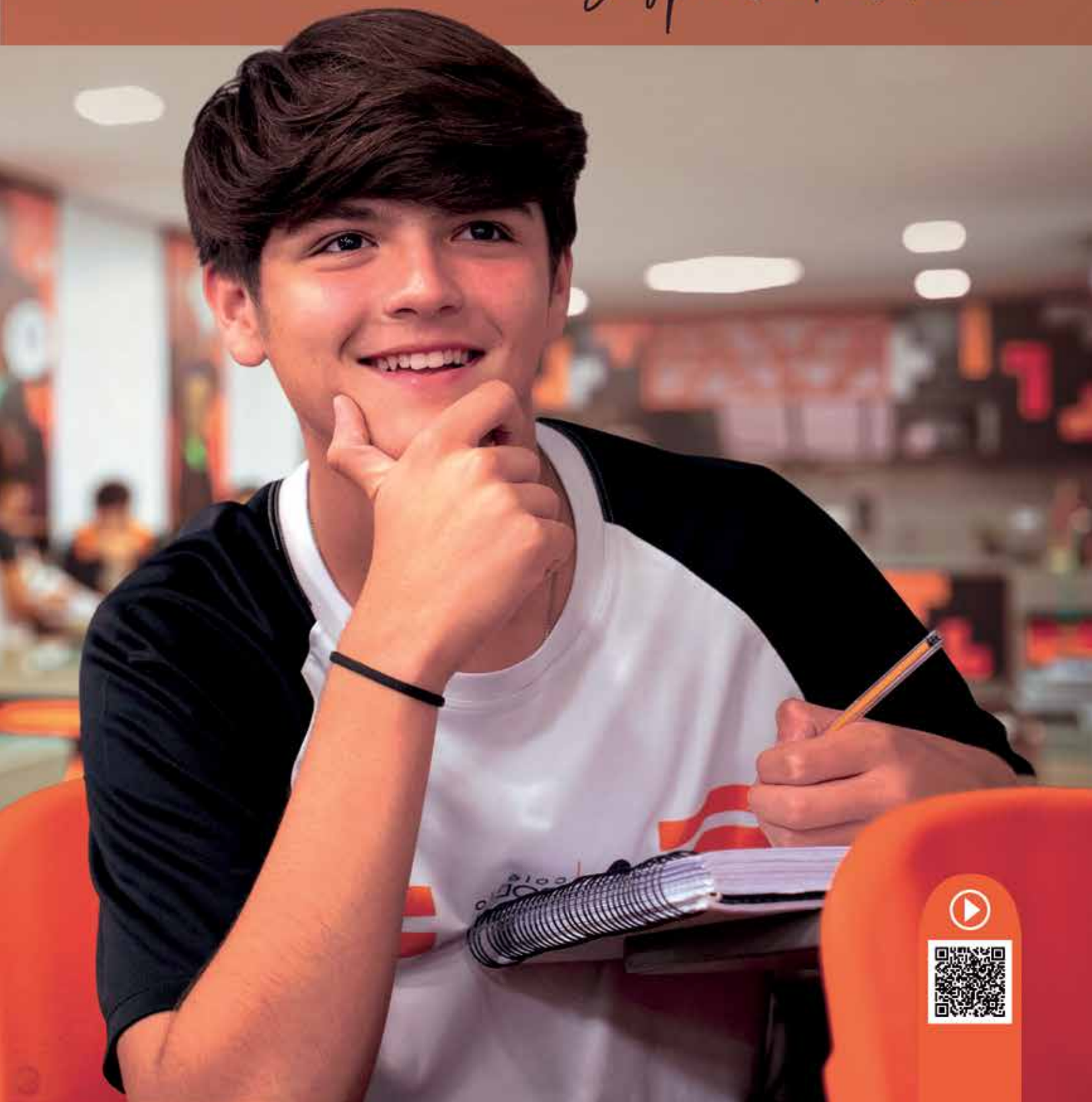
ACESSE NOSSO PORTAL


colégio
RO
D!N

ACOLHIMENTO DESPERTA CONFIANÇA PARA APRENDER.
QUE DESPERTA INSPIRAÇÃO POR VIVENCIAR.
QUE DESPERTA A CONSTRUÇÃO DE REPERTÓRIO.

CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO

Desperta Potência



Com mais de

40

vivências

o aluno descobre
o que ama saber

NÚCLEO LÓGICO-MATEMÁTICO

Conhecimento e estímulos ampliados

para realizações e conquistas

- PENSAMENTO MATEMÁTICO
- LETRAMENTO EM IA
- INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL - VIBE CODING
- CIÊNCIA E TECNOLOGIA APLICAS AO COTIDIANO
- FEIRA DE CIÊNCIAS
- OLIMPÍADAS DO CONHECIMENTO

Matemática | Ciências da Natureza | Ciências Humanas | Linguagens





NÚCLEO ESPORTIVO

Da iniciação esportiva às equipes de competição

estímulos do tamanho dos sonhos de cada aluno

- XADREZ
- BASQUETE
- VÔLEI
- HANDEBOL
- FUTSAL
- FUTMESA
- TÊNIS DE MESA
- JIU-JITSU
- KARATÊ

- EQUIPES DE COMPETIÇÃO
- DESAFIO RDN
- COPA DO INTERVALO



NÚCLEO ARTÍSTICO-CRIATIVO

O desenvolvimento do repertório cultural

as emoções que constroem o universo que os acompanhará a vida toda

- RDN ART
- RÁDIO RODIN
- GALERIA DOS PENSADORES
- SARAU RODIN
- RODIN CULTURAL

- DESENHO ARTÍSTICO
- CORAL
- ARTE-MÚSICA
- ARTE-TEATRO
- ARTE-DANÇA
- JAZZ
- HIP-HOP
- ARTES INTEGRADAS



NÚCLEO PLURAL

Os desafios que preparam para o futuro

conhecimentos e experiências que rompem barreiras, capacitam e libertam



TED ED Club

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE

FINANÇAS PESSOAIS, INVESTIMENTOS E MERCADO DE CAPITAIS

ROMUN - SIMULAÇÃO MODELO MUN (Model United Nations)

GEOPOLÍTICA E SIMULAÇÕES DE NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

COMO TUDO ACONTECE

As emoções que consolidam o aprendizado

a opinião de quem realmente importa





Aulas Especiais



RDN Art



Desafio RDN

PARA OS GRANDES VESTIBULARES: CONTEÚDO E MÉTODO.
PARA O SENSO CRÍTICO, CRIATIVIDADE, RESILIÊNCIA E PERFORMANCE:
VIVÊNCIAS GERANDO O GOSTO POR APRENDER.

CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS

Desperta Potência



colégio RODIN

DIGITALMENTE

Cidades.Inteligentes



O **Digitalmente – Cidades Inteligentes** integra **Pensamento Computacional** e **Educação Maker** em uma proposta prática, dinâmica e conectada a desafios reais. Por meio de projetos, os alunos investigam situações do cotidiano, desenvolvem soluções, testam ideias e utilizam a **tecnologia** de forma criativa, crítica e responsável.

Alinhado à **BNCC da Computação**, o material trabalha os eixos **Pensamento Computacional, Mundo Digital e Cultura Digital,** estimulando habilidades como resolução de problemas, decomposição, reconhecimento de padrões, abstração e criação de algoritmos



Prepare seus alunos para compreender, criar e transformar o mundo digital!





EDUCAÇÃO DIGITAL

PARA QUEM QUER PROGRAMAR O FUTURO!

Destinado à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental – anos iniciais e finais, o DigitalMente conta com Livro do Professor, Mapas do Aluno e kits de componentes adequados a cada etapa de ensino.





Caixa com:

- Componentes eletrônicos
- Livro do Professor
- Mapas do Aluno





@amadomaker

www.amadomaker.com.br

amado Maker

Flávia Girardi

Educar é ensinar a viver no tempo em que se vive

Há uma pergunta que talvez nunca tenha sido tão necessária para a educação: o que significa preparar alguém para um mundo que muda antes mesmo que terminemos de compreendê-lo?

As crianças que chegam hoje às escolas nasceram em um tempo de respostas instantâneas. Entre telas, algoritmos, inteligência artificial e excesso de informação, encontram respostas antes mesmo de aprenderem a formular algumas perguntas. Mas continuam aprendendo pelo vínculo, pela experiência, pelo erro, pelo corpo e pelo encontro com o outro.

Talvez seja justamente essa contradição que defina a educação do nosso tempo.

A Inteligência Artificial escreve. A criança ainda precisa descobrir o que pensa. A tecnologia responde. O professor ainda precisa ensinar a perguntar. A informação está disponível. A vida continua exigindo escolhas.

É nesse intervalo, entre aquilo que as máquinas conseguem fazer e aquilo que permanece humano, que este anuário do Grupo Mais Expressão escolheu caminhar.

Nas próximas páginas, falamos sobre telas e linguagem, professores no limite, emoções, família, esporte, circo e os ofícios que retornam em um mundo cada vez mais digital. Também chegamos à Inteligência Artificial pela porta inquietante da violência que pode ser inventada por máquinas capazes de produzir imagens e narrativas falsas.

No centro de tudo isso está o professor. Não como alguém que precisa saber tudo, mas como alguém capaz de criar condições para que crianças e jovens aprendam a pensar, conviver, experimentar, duvidar, criar e escolher.

A escola já não pode competir com a quantidade de informação disponível fora dela. Precisa ensinar a transformar informação em conhecimento, conhecimento em pensamento e pensamento em ação.

E isso não se faz apenas com tecnologia. Faz-se com gente.

Com o professor que percebe. Com a família que tenta encontrar limites sem perder o vínculo. Com o estudante que erra e tenta novamente. Com as mãos que constroem, o corpo que cai e levanta, a criança que aprende a nomear o que sente.

Educar continua sendo uma tarefa de futuro. Só que o futuro deixou de parecer distante. Ele está na criança que hoje aprende e nas escolhas que fazemos agora.

Por isso, este anuário não é apenas sobre educação. É sobre como queremos viver juntos.

Quando ensinamos uma criança a perguntar, estamos dizendo que ela pode investigar. Quando permitimos que erre, dizemos que aprender não é acertar sempre. Quando ensinamos a criar em vez de apenas consumir, dizemos que ela pode deixar uma marca no mundo.

Em 2026, talvez a educação precise voltar ao essencial: olhar, escutar, perguntar, experimentar, criar, cuidar e escolher.

Porque máquinas podem aprender muito sobre nós. Mas ainda somos nós que precisamos decidir o que vale a pena ensinar às máquinas sobre o mundo que queremos construir.

Por Flávia Girardi
Editora de Conteúdo | Grupo Mais Expressão

EXPEDIENTE

DIRETOR | Alan de Santi
ARTES E ANÚNCIOS | Mais Expressão
MATÉRIAS | Mais Expressão
PROJETO GRÁFICO | Cesar Chagas

JORNALISTA RESPONSÁVEL | Flávia Girardi - MTB 47-1777
FOTO DE CAPA: Hilda Vicente Fotografia @hildavicentefotografia
AMBIENTE: Decoratto @decorattoindaiatuba
Imagens e vetores: Pixabay, Prexels, Pxhere, Freepik

Os Artigos assinados e as informações constantes nas publicidades veiculadas na Mais Expressão, são de responsabilidade de seus autores.
Revista Mais Expressão é uma publicação da Portal e Editora Mais Expressão Ltda. ME
Endereço: Avenida Conceição, 227 - Vila Castelo Branco - Indaiatuba/SP - **Telefone:** (19) 2516-0001
www.maisexpressao.com.br - comercial@maisexpressao.com.br

Sumário



24 QUANDO A ESCOLA DEIXA DE SER A DONA DAS RESPOSTAS

36 A VIOLÊNCIA QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL INVENTA



40 QUEM ENSINA A CAIR



42 ENTRE SALAS, CIDADES E ESCOLHAS



46 ROBERTO LANDELL DE MOURA

50 POR QUE FALAR SOBRE EMOÇÕES FORTALECE AS CRIANÇAS?

52 PROFESSORES NO LIMITE: O ENSINAR QUE ADOECE

54 QUANDO A TELA CUPA O LUGAR DA ONVERSA

56 DE VOLTA AO FAZER: POR QUE OS OFÍCIOS MANUAIS VOLTARAM A ATRAIR OS JOVENS

58 QUEM ENSINA OS PAIS?

66 MUITO ALÉM DO TATAME: JIU-JITSU TRANSFORMA ROTINA E RELAÇÕES DENTRO DA ESCOLA

68 UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRA

70 CIÊNCIA QUE ATRAVESSA FRONTEIRAS

71 AZUL APROXIMA ESTUDANTES DO UNIVERSO DA AVIAÇÃO POR MEIO DA EDUCAÇÃO

72 APRENDER UMA NOVA LÍNGUA É AMPLIAR POSSIBILIDADES

escola do Parque ecológico



Tradição em ensinar, compromisso em transformar.

Excelência pedagógica e infraestrutura completa no coração de Indaiatuba.

A Escola do Parque Ecológico une inovação acadêmica, acolhimento e rigor pedagógico para acompanhar o aluno em todas as fases do desenvolvimento, do Berçário ao Pré-Vestibular.

Localização privilegiada:

Inserido no Parque Ecológico de Indaiatuba.

Espaço amplo:

Campus com um total de 21.000 m² projetados para o aprendizado seguro e integrado.

Formação contínua:

Acompanhamento pedagógico completo para todas as idades.





Educação sem fronteiras.

Preparação para o mundo com certificação internacional.

O aprendizado de novos idiomas ocorre de forma natural e imersiva desde a infância, desenvolvendo a fluência cultural e acadêmica necessária para o cenário global.

BRIGHT FUTURES

O PROGRAMA BILÍNGUE DA OXFORD UNIVERSITY PRESS



Programa multilíngue:

Aulas diárias de inglês e aulas de espanhol duas vezes por semana, ambas a partir dos 2 anos de idade.

Proyección SANTILLANA

Chancela Oxford Quality:

Instituição parceira com aplicação do Oxford Test of English for Schools.

OXFORD QUALITY

Proudly working in collaboration with Oxford University Press
A department of the University of Oxford

Dupla diplomação:

Parceria com a Texas Tech University nos programas de Middle & High School, garantindo currículo internacional.

TEXAS TECH UNIVERSITY Middle & High School

1º colocado no ENEM 2025 em Indaiatuba

PELO 7º ANO CONSECUTIVO

2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025

escola do Parque ecológico



Evolução constante para os melhores resultados.

Liderança em olimpíadas científicas, 1º lugar no ENEM por 7 anos consecutivos e a chegada do Poliedro em 2027

A busca por excelência não para. **Somos a escola com o maior número de premiações em olimpíadas científicas na cidade**, demonstrando a força do nosso projeto pedagógico. Além de conquistar pelo 7º ano consecutivo o 1º lugar no ENEM em Indaiatuba, a escola se destaca mundialmente em tecnologia e adota, em 2027, o **Poliedro Sistema de Ensino** do Fundamental ao Pré-Vestibular.

Novo sistema de ensino em 2027:

Parceria com o Poliedro do Fundamental ao Pré-Vestibular, reforçando o foco em alta performance.

Poliedro Educação

Recordista de aprovações em 2026!

Resultados históricos nos vestibulares mais concorridos, somando **360 aprovações no geral, 182 em universidades públicas e 58 aprovações em medicina.**

Maior número de premiações na cidade:

Liderança absoluta em medalhas e destaques nas principais olimpíadas científicas e do conhecimento.

Escola do Parque é destaque

Campeã da Copa do Mundo de Robô FIRA no Canadá!

Fazemos parte da elite da robótica mundial, conquistando o 1º lugar nesta competição, que marca o 6º título internacional conquistado pela escola. E esse resultado também reflete o investimento contínuo da Escola do Parque Ecológico em tecnologia, inovação e formação, criando um ambiente que favorece a evolução constante dos estudantes. Conquistar o título mundial é uma enorme alegria e uma vitória que pertence a todos os que fazem parte da Escola do Parque Ecológico.



Desenvolvimento físico, disciplina e bem-estar.

Formação esportiva com metodologias de referência.

A prática esportiva integra a rotina escolar como ferramenta fundamental para a saúde, o trabalho em equipe e a disciplina dos alunos.

Esportes integrados:

Turmas de jiu-jítsu, escolas de esportes, quadras poliesportivas, campo gramado e espaços para atividades ao ar livre.





Piscina semiolímpica:

Estrutura totalmente coberta e aquecida.

Metodologia Gustavo Borges:

Ensino de natação padronizado e de alta qualidade.



Cuidado integral e estímulo às habilidades do futuro.

Ambiente seguro e acolhedor para o desenvolvimento completo.

O aprendizado vai além do material didático, abrangendo o suporte emocional, o desenvolvimento socioemocional e o estímulo às artes e à sustentabilidade.

Departamento multidisciplinar de saúde:

Acompanhamento focado na prevenção e no bem-estar físico e emocional dos alunos.

Aulas socioemocionais especializadas:

Psicólogos ministram aulas de educação socioemocional desde os 3 anos de idade até o Ensino Médio, uma iniciativa fundamental para fortalecer a inteligência emocional, a empatia e a resiliência em todas as fases do desenvolvimento escolar.

Segurança avançada:

Monitoramento eletrônico 24 horas e rigoroso controle de acesso.

Escola de música:

Parceria com a Harmos, em estrutura própria dentro do campus.

Centro Musical Harmos
Assessoria & Treinamento





A parceria ideal para a rotina da sua família.

Suporte completo com período ampliado e restaurante próprio.

Oferecemos soluções funcionais para pais e responsáveis, garantindo rotina estruturada, nutrição adequada e acompanhamento pedagógico contínuo.

Período estendido e integral:

Suporte de estudos, oficinas criativas e acompanhamento diário.

Alimentação saudável:

Restaurante e cantina com cardápios balanceados.







escola do parque ecológico

Venha conhecer:

Agende uma visita guiada e conheça nosso projeto pedagógico na prática.

(19) **3825-8801**

estudenoparque.com.br

Leia o QR Code e acesse a localização pelo Waze.

Av. Eng. Fábio Roberto Barnabé, 1400
Marginal Direita - Indaiatuba/SP



MONTREAL
BILÍNGUE

Cada espaço aqui foi pensado para o seu filho crescer.

No **Colégio Montreal**, o ambiente escolar participa ativamente da formação. Cada espaço foi planejado para acolher, estimular descobertas e favorecer experiências significativas em todas as fases do desenvolvimento.

Mais do que oferecer ambientes completos, o Montreal constrói uma atmosfera acolhedora, na qual o aluno se sente seguro para participar, perguntar, criar e aprender. Esse cuidado também aparece nas salas de aula com número reduzido de alunos, que permitem um acompanhamento mais próximo, atenção individualizada e relações mais consistentes entre educadores e estudantes.

Por trás de cada ambiente existe uma proposta pedagógica conduzida por professores qualificados e atualizados, material didático cuidadosamente selecionado e uma gestão comprometida com a qualidade do ensino.

A escola está em constante atualização para incorporar práticas, projetos e conhecimentos que contribuam para a formação dos alunos — sempre com intencionalidade pedagógica e olhar humano.





Robótica que transforma curiosidade em aprendizagem.

ASTRO

Com o programa **Astro Internacional**, a robótica amplia as possibilidades de investigação, criação e resolução de problemas. Ao colocar a mão na massa, os alunos desenvolvem raciocínio, colaboração, persistência e autonomia, aprendendo a transformar ideias em projetos e desafios em novas descobertas.

Agende sua visita

e conheça de perto os espaços que tornam o aprendizado uma experiência acolhedora, ativa e significativa.

www.colegiomontreal.com.br

Formação global, relações que fazem sentido!

Aprender é também conviver, escutar, cooperar e construir conhecimentos com o outro. No **Colégio Montreal**, o trabalho sociointeracionista está presente no cotidiano escolar e entende o aluno como participante ativo de sua formação.

As situações de aprendizagem são pensadas para estimular a troca, o diálogo, a investigação e a construção coletiva de sentidos.

Desde os primeiros anos, o desenvolvimento social e a formação ética caminham ao lado das aprendizagens acadêmicas. Na Educação Infantil, o brincar, a descoberta e a interação ajudam a construir autonomia. Nos anos seguintes, os alunos avançam para conteúdos mais desafiadores sem perder o espaço para a criatividade, a cooperação e a expressão de diferentes ideias.

Essa proposta ganha ainda mais força com o **Projeto Bilíngue**, desenvolvido de forma natural e contínua. O contato com o inglês amplia o repertório, fortalece a comunicação e prepara os estudantes para dialogar com diferentes culturas, universidades, carreiras e possibilidades — sem afastá-los de suas raízes e dos vínculos construídos no dia a dia.



BRIGHT FUTURES | O PROGRAMA BILÍNGUE DA OXFORD UNIVERSITY PRESS

Oxford: uma parceria que amplia horizontes.

O programa **Bright Futures**, da **Oxford University Press**, oferece uma jornada estruturada de aprendizagem da língua inglesa. A partir dos 3 anos de idade, as aulas de inglês são diárias.

O acompanhamento de proficiência inclui o Placement Test anual a partir do 3º ano do Ensino Fundamental, e os alunos podem obter certificação ao final do 9º ano do Ensino Fundamental.



Qualidade que está perto!

Localizado em frente ao Parque Ecológico de Indaiatuba, o Colégio Montreal está a 1 km do centro da cidade e próximo aos principais condomínios. Uma localização estratégica, de fácil acesso para a região, que aproxima a família de uma educação de excelência e torna a rotina escolar mais prática.

No Montreal, formar cidadãos do mundo começa com relações de confiança, presença e pertencimento. É assim que o aluno amplia seus horizontes sem deixar de se sentir em casa.



Sempre ao lado, em cada etapa.

Cada fase da infância e da adolescência pede um tipo de cuidado. Por isso, o **Colégio Montreal** acompanha o aluno ao longo de uma trajetória escolar contínua, com propostas adequadas a cada momento e uma equipe que conhece, respeita e valoriza o ritmo de desenvolvimento de cada estudante.

No **Berçário**, ambientes exclusivos favorecem acolhimento, segurança e tranquilidade para os primeiros meses de vida. Na **Educação Infantil**, o lúdico e a descoberta abrem caminho para a autonomia, para a linguagem e para as primeiras experiências de convivência.

Em nossa escola matriz, os alunos do **Middle e High School** se preparam para exames internacionais e para as escolhas que marcam a vida adulta. Mais do que resultados acadêmicos, essa etapa fortalece autonomia, senso crítico, responsabilidade e protagonismo.



Um olhar próximo para cada aluno.

As **turmas reduzidas** favorecem um acompanhamento atento e personalizado. O professor consegue observar avanços, necessidades e potencialidades com mais proximidade, enquanto o aluno encontra espaço para se expressar, participar e receber orientações que façam sentido para sua jornada.

Esse olhar se articula ao desenvolvimento socioemocional e à formação ética. Em vez de aprender de maneira isolada, o estudante aprende na relação com os colegas, com os educadores e com os desafios do mundo, desenvolvendo conhecimento, confiança e responsabilidade para agir em diferentes contextos.

Uma escola que evolui com seus alunos.

No Montreal, cada etapa prepara a próxima, sem apagar o que foi construído antes. Assim, o aluno cresce com segurança, continuidade e a certeza de estar sempre acompanhado.

Uma trajetória de aprendizagem, cuidado e descobertas.

Experiências que ampliam a vida escolar.



O **Departamento Multidisciplinar de Saúde** acrescenta um olhar especializado ao cuidado com o bem-estar físico e emocional. Esse acompanhamento contribui para que o aluno se sinta mais preparado para aprender, conviver e enfrentar os desafios de cada etapa com equilíbrio.

Vivências que deixam marcas positivas.

No **Colégio Montreal**, o **Ensino Integral** oferece atendimento de até 12 horas, ampliando o tempo de cuidado, aprendizagem e convivência dos alunos. Para a **Educação Infantil**, essa proposta inclui aulas de **jiu-jítsu**, que contribuem para o desenvolvimento da disciplina, da coordenação motora, da autoconfiança e do respeito ao próximo. Assim, cada experiência complementa a formação das crianças de maneira lúdica e significativa.

Na prática, esses aprendizados ultrapassam o momento da atividade. A disciplina construída no esporte pode fortalecer a rotina de estudos. A criatividade desenvolvida pela **música** pode inspirar novas formas de resolver problemas. A convivência em grupo pode aprimorar a escuta, a colaboração e o respeito às diferenças. O contato com outras culturas pode ampliar a curiosidade e a confiança para participar de experiências acadêmicas e sociais.

É uma educação que une projeto **bilíngue** estruturado, **robótica, experiências internacionais**, cuidado em cada etapa e uma proposta pedagógica em constante atualização. Uma escola que entende que formar para o futuro é também cuidar do presente e criar condições para que cada aluno desenvolva seu melhor.





Conheça o Colégio Montreal

e descubra como uma **educação acolhedora, próxima e ampla** pode transformar a trajetória escolar do seu filho.

Av. Engenheiro Fábio Roberto Barnabé, 287
Marginal do Parque Ecológico - Indaiatuba/SP

colegiomontreal.com.br

(19) **3835-5605**

QUANDO A ESCOLA DEIXA DE SER A DONA DAS RESPOSTAS

Para o educador Éliton Meireles, a Inteligência Artificial não diminui o papel da escola: muda a pergunta sobre o que significa aprender



Eliton em seu Doutorado Sanduíche – Stanford University (2017)

Durante muito tempo, saber era chegar à resposta certa. Era pesquisar, memorizar, calcular, escrever, resolver. Hoje, máquinas fazem tudo isso em segundos e, diante delas, talvez a escola precise ensinar algo ainda mais essencial: o que fazer depois que a resposta chega.

É nessa fronteira entre tecnologia, conhecimento e autoria que está o trabalho do matemático e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) Éliton Meireles, pesquisador que há mais de duas décadas acompanha as transformações provocadas pelas tecnologias digitais na educação. Antes mesmo de a Inteligência Artificial Generativa ocupar o centro das conversas, sua trajetória já passava por softwares de geometria dinâmica, bioestatística, objetos de aprendizagem, ambientes virtuais, robótica educacional e Cultura Maker.



Teachers College – Columbia University (2025)

No doutorado pela USP, orientado pela Profa. Dra. Belmira Oliveira Bueno, aprofundou suas pesquisas sobre Cultura Maker e Formação de Professores, realizando parte do trabalho na *Graduate School of Education da Stanford University*, sob coorientação do Prof. Dr. Paulo Blikstein, que o levou como pesquisador para o grupo *Transformative Learning Technologies Lab* (TLTLab), posteriormente migrado de Stanford na Califórnia para o *Teachers College* da *Columbia University* em Nova York. No Brasil, tendo José Valente como supervisor, desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no Núcleo de Informática Aplicada à Educação da Unicamp. Nos últimos anos, tem atuado como diretor educacional da Amado Maker junto a redes públicas de ensino de todo o país.

Mas, apesar do vasto currículo, Éliton Meireles pede que deixemos os títulos de lado. Entre amigos, ele prefere ser Tom.

É com ele que conversamos sobre Inteligência Artificial, Cultura Maker, professores, autoria, aprendizagem e os desafios de preparar crianças e jovens para um mundo em que talvez a pergunta mais importante já não seja “qual é a resposta?”, mas “o que você pensa a partir dela?”.

RE: Ao longo da sua trajetória, você acompanhou diferentes momentos da relação entre tecnologia e educação. Por que a tecnologia se tornou uma questão tão central para quem pensa a escola hoje?

Porque a tecnologia não é apenas um conjunto de ferramentas que criamos para facilitar tarefas. Ela faz parte da própria experiência humana. Ao transformar o mundo por meio da escrita, da imprensa, das máquinas, do computador, da internet e, agora, da Inteligência Artificial, transformamos também nossas formas de pensar, comunicar, trabalhar, produzir conhecimento e nos relacionar.

Quando a tecnologia passa a compor de maneira tão profunda a vida social, ela inevitavelmente atravessa a escola. A educação não acontece fora do seu tempo. Ela forma pessoas para compreender, participar e intervir em uma sociedade que também é tecnológica.

Por isso, para mim, a pergunta nunca foi simplesmente se determinada tecnologia deve ou não entrar na escola. A questão mais interessante é entender o que acontece com a aprendizagem, com a autoria, com as relações e com o papel do professor quando essas tecnologias passam a fazer parte da experiência educacional.

RE: E foi justamente acompanhando essas transformações que sua trajetória passou por diferentes tecnologias educacionais até chegar à Cultura Maker e, mais recentemente, à Inteligência Artificial. O que você encontrou nessas duas frentes que ajuda a pensar aprendizagem e autoria de uma forma diferente?

O fio sempre foi a aprendizagem. As tecnologias mudaram, mas algumas perguntas permaneceram: o estudante está apenas recebendo informação ou produzindo algo com ela? Está seguindo instruções ou tomando decisões? Existe autoria nesse processo?

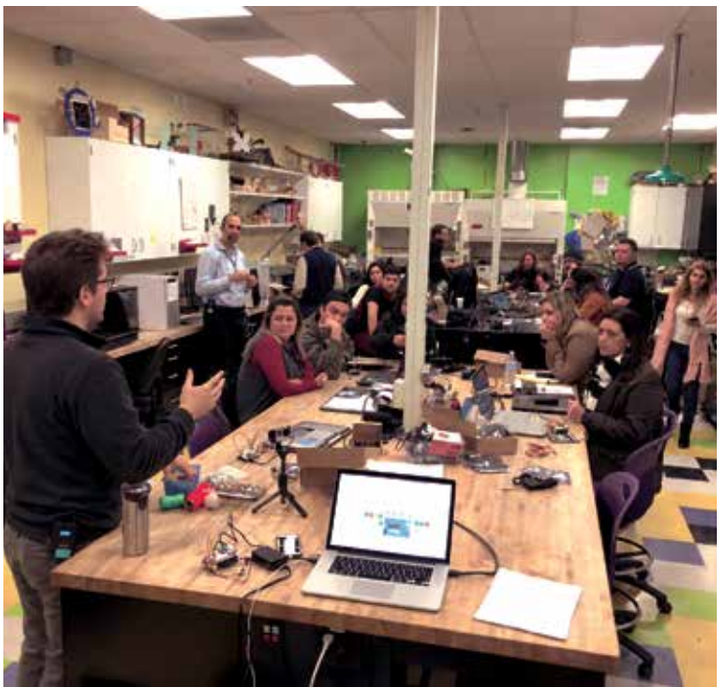
A Cultura Maker aprofundou para mim uma ideia ligada ao construcionismo de Seymour Papert: fazer também é uma forma de pensar. Quando alguém constrói, programa ou tenta fazer algo funcionar, precisa testar, errar e rever suas hipóteses. É aí que aparece a resistência da realidade: uma IA pode afirmar que um projeto funcionará, mas o robô talvez não ande ou o circuito falhe. O fazer impede que a resposta pronta encerre o pensamento.

Ao mesmo tempo, a IA amplia as possibilidades de criação, ajudando a compreender erros, explorar alternativas ou aprender novas técnicas. Gosto de pensar que a Cultura Maker dá chão à IA, enquanto a IA amplia as possibilidades da Cultura Maker.

O novo é que agora a máquina começa também a participar do processo intelectual. Estamos aprendendo a pensar com máquinas, sem renunciar à autoria humana.



Festival de Invenção e Criatividade – Feira Brasileira de Ciências e Engenharia – Universidade de São Paulo (2016)



Oficina ministrada no Transformative Learning Technologies Lab, Stanford, USA (2017)

RE: Quando você fala em "pensar com máquinas", chegamos a uma questão central da sua pesquisa atual. É daí que surge a ideia de uma escola na era pós-resposta?

Sim. Durante muito tempo, uma parte importante da experiência escolar foi organizada em torno da busca pela resposta correta. Encontrar a informação, resolver o problema, produzir o texto ou chegar ao resultado eram, muitas vezes, demonstrações de que alguém havia aprendido. A Inteligência Artificial altera profundamente esse cenário porque consegue produzir respostas elaboradas em poucos segundos.

Isso desloca a questão educacional. O valor passa a estar cada vez mais naquilo que o estudante consegue fazer a partir da resposta. E isso exige conhecimento. Quanto mais fácil se torna obter uma resposta, mais importante se torna ter repertório para julgá-la. É preciso saber reconhecer uma explicação superficial, perceber um erro, desconfiar de uma informação convincente, buscar evidências e entender que uma resposta bem escrita pode continuar sendo uma resposta ruim.

Quando falo em uma escola na era pós-resposta, estou pensando justamente nesse deslocamento. A resposta deixa de funcionar como ponto de chegada e passa a ser parte de um percurso intelectual mais amplo. O que passa a importar é o pensamento que acontece antes, durante e depois dela.

RE: E como essa ideia de escola pós-resposta aparece na prática? Que experiência de aprendizagem ajudaria a visualizar isso?

Imagine estudantes tentando desenvolver uma solução para reduzir o consumo de água da própria escola. Eles podem usar a IA para levantar hipóteses, analisar dados, sugerir sensores, auxiliar na programação ou comparar possibilidades.

Mas o trabalho não termina quando a IA oferece uma solução. Eles precisam decidir se aquilo faz sentido, construir, testar, descobrir por que algo não funcionou, rever escolhas e justificar o caminho adotado. Para mim, essa é a diferença. A IA participa do processo, mas não encerra o processo. A resposta que ela produz vira matéria-prima para investigar, experimentar e decidir.

RE: Se responder já não pode ser o ponto de chegada, o papel do professor também precisa mudar?

O professor se torna ainda mais importante, embora seu papel também se torne mais sofisticado. Tenho trabalhado com a ideia do professor como designer de experiências de aprendizagem.

Ele não precisa competir com a IA para descobrir quem responde mais rápido. Seu papel é criar situações em que uma resposta precise ser analisada, confrontada e transformada; experiências em que o estudante tenha de investigar, fazer escolhas, justificar decisões e produzir algo próprio.

A pergunta passa a ser: que atividade humana essa tecnologia amplia, reorganiza ou substitui, e sob quais condições isso melhora a aprendizagem? Em alguns casos, a IA amplia possibilidades. Em outros, entrega antecipadamente aquilo que o estudante precisava descobrir. A competência pedagógica está justamente em perceber essa diferença.

RE: E como formar esse professor para uma realidade em que tecnologias como a Inteligência Artificial mudam tão rapidamente?

Esse é um dos grandes desafios. Não podemos reduzir a formação docente ao domínio da ferramenta da vez, porque as tecnologias provavelmente mudarão mais rápido do que qualquer programa de formação conseguirá acompanhar.

Experiências que vivi em contextos muito diferentes — aulas, cursos, oficinas, congressos e grupos de pesquisa, no Brasil e no exterior — reforçaram para mim uma mesma ideia: professores precisam ter oportunidades para experimentar tecnologias, discutir seus usos, comparar decisões e compreender o que elas modificam na atividade de aprender.

Isso significa desenvolver repertório para reconhecer possibilidades e limites e, principalmente, tomar decisões pedagógicas sobre quando, por que e para quê utilizar determinada tecnologia. Exige tempo para experimentar, espaço para refletir coletivamente sobre a prática e autonomia para continuar aprendendo.

Talvez essa seja a competência mais importante: não dominar cada nova tecnologia que surge, mas ser capaz de aprender continuamente com elas sem perder de vista aquilo que é essencialmente pedagógico.



Apresentação de Pesquisa no PBL Congress 2018 – Santa Clara University, USA



Apresentação de Pesquisa no Congresso FabLearn 2017 – Stanford, USA

RE: Quando ampliamos o olhar, fica claro que a Inteligência Artificial traz questões que vão muito além da ferramenta. Já sabemos, de fato, qual será o seu lugar na educação?

Ainda não. E reconhecer isso talvez seja uma das atitudes mais responsáveis neste momento. Estamos vivendo uma etapa de concepção da própria inserção da Inteligência Artificial na educação. Há entusiasmo e experiências muito promissoras, mas também perguntas fundamentais que ainda precisam ser investigadas.

No trabalho no NIED/Unicamp, essa questão apareceu de forma muito concreta. Precisamos discutir ética, privacidade, autoria, vieses e desigualdade de acesso. Precisamos repensar avaliação: o que significa avaliar uma produção quando estudante e IA trabalham juntos? E há uma discussão ainda maior sobre currículo: o que continua sendo fundamental aprender quando determinadas tarefas passam a ser realizadas com apoio de sistemas inteligentes?

Não acredito que tenhamos respostas definitivas e, honestamente, seria precipitado tê-las tão cedo. Este é um momento para experimentar, pesquisar, comparar experiências e construir critérios. A IA já entrou na educação, mas ainda estamos decidindo, coletivamente, que lugar queremos dar a ela.



Laboratório Maker do Núcleo de Informática Aplicada à Educação NIED – Unicamp (2024)

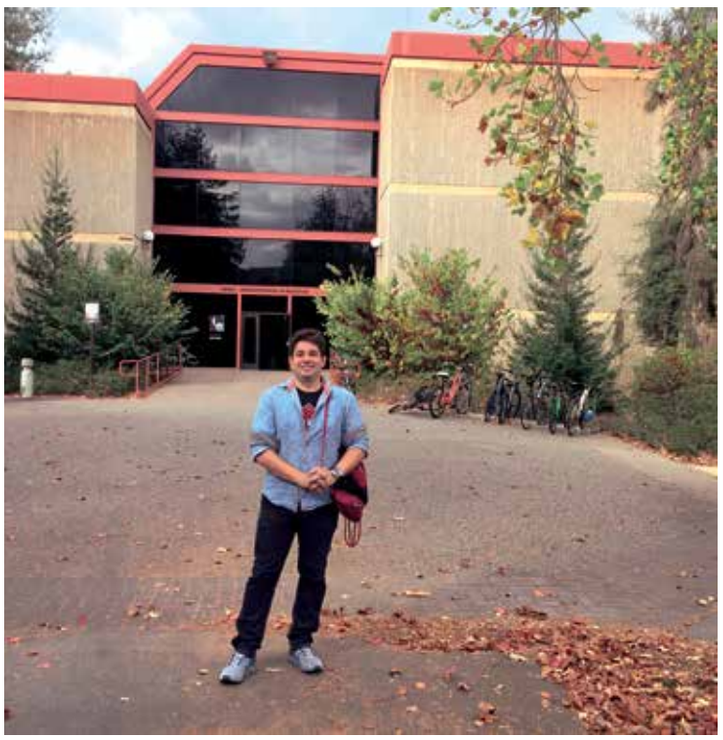
RE: Sua trajetória acadêmica é marcada por diferentes universidades, orientadores, grupos de pesquisa, publicações e congressos no Brasil e no exterior. O que esses encontros foram acrescentando à sua forma de pensar a educação e o que realmente caracteriza inovação educacional?

Minha formação nunca foi uma linha reta. Foi sendo construída em travessias, encontros, deslocamentos e perguntas que ganharam novos sentidos cada vez que encontraram outras pessoas e outros lugares. Com o tempo, compreendi algo que considero essencial também para a própria educação: ninguém se forma sozinho. Somos atravessados pelas pessoas com quem aprendemos, por aquelas que nos desafiam, pelos estudantes que nos fazem perguntas inesperadas e pelos contextos que nos obrigam a rever certezas. Há nisso algo profundamente freireano: a formação acontece no diálogo, no encontro e na relação que estabelecemos uns com os outros e com o mundo.

Por isso, hoje vejo cada universidade, grupo de pesquisa, congresso ou publicação menos como uma linha no currículo e mais como parte de uma conversa que continua. A pesquisa cresce quando sai de nossas mãos, encontra outros olhares e volta diferente. E talvez tenha sido justamente essa circulação por contextos tão diversos que mais tenha me ensinado sobre inovação educacional.

Aprendi que inovação não está, necessariamente, na novidade da ferramenta, mas na qualidade das relações e das experiências que conseguimos criar com ela. A pergunta central continua sendo pedagógica: que possibilidades de aprendizagem se abrem? O estudante ganha autonomia? Há espaço para autoria, colaboração, reflexão e escolha? Uma mesma tecnologia pode produzir experiências completamente diferentes dependendo da formação dos professores, da cultura da instituição e das decisões pedagógicas que a acompanham. Tecnologia de ponta inserida em uma pedagogia pobre continua produzindo uma experiência pobre.

Para mim, inovar é conseguir fazer tecnologia, currículo, pesquisa e pessoas produzirem sentido juntos. Talvez educar seja também isso: carregar algumas perguntas pelo caminho e permitir que os encontros transformem não apenas as respostas que encontramos, mas também a maneira como aprendemos a perguntar.



Center for Education Research at Stanford, USA (2017)



Apresentação de Pesquisa no Congresso FabLearn 2019 – Nova York – USA



Fábio Imamura, Eliton Meireles e José Valente – Googleplex, Escritório Google no Vale do Silício (2017)

RE: Em determinado momento, essa trajetória acadêmica encontrou também o setor empresarial e o trouxe para Indaiatuba. O que essa aproximação acrescentou ao seu trabalho como pesquisador?

Vim para Indaiatuba a partir de uma proposta profissional da Amado Maker. Essa experiência abriu uma possibilidade que considero rara no meio acadêmico: acompanhar o percurso completo entre uma ideia educacional, sua concepção e aquilo que efetivamente acontece quando ela chega à escola.

Nem todo pesquisador tem a oportunidade de observar suas reflexões ganharem escala e influenciarem diretamente práticas em redes de ensino. A aproximação com o setor empresarial me permitiu manter a pesquisa como referência e, ao mesmo tempo, participar da criação de soluções, da formação de professores e do acompanhamento de projetos em escolas públicas de diferentes regiões do país.

Na Amado, essa relação entre pesquisa e prática tornou-se parte da forma como passamos a desenvolver os projetos. A pesquisa qualifica aquilo que fazemos, e aquilo que acontece nas escolas devolve novas perguntas para a própria pesquisa. Esse movimento de ida e volta é, para mim, uma das partes mais interessantes do trabalho.



Paulo Blikstein e Eliton Meireles no evento Constructionism 2023, em Columbia–NY, USA



Visita ao laboratório de pesquisa interdisciplinar Media Lab, do MIT – Massachusetts Institute of Technology, USA (2024)



Eliton Meireles e José Valente apresentando pesquisa no evento Constructionism 2023, em Columbia–NY, USA

RE: Essa aproximação também acabou conectando redes acadêmicas construídas em diferentes momentos da sua trajetória. O que surge quando pesquisadores, universidades, empresa e escola começam efetivamente a trabalhar juntos?

Uma das coisas mais interessantes foi perceber que essas redes não precisavam permanecer separadas. Minha trajetória já me conectava a pesquisadores e grupos de diferentes universidades brasileiras e internacionais, enquanto a Amado Maker também vinha construindo relações acadêmicas, especialmente com instituições portuguesas.

Em 2023, por exemplo, criamos o Seminário Luso-brasileiro de Educação na Universidade de Aveiro e, a partir dessa aproximação, ampliamos o diálogo com outros espaços, como o laboratório de inovação tecnológica do município de Seia. Esses encontros permitem observar como diferentes territórios organizam relações entre aprendizagem, tecnologia e formação e, ao mesmo tempo, criam condições para desenvolver novas experiências educacionais.

Foi nesse tipo de intercâmbio que também surgiram ideias incorporadas a projetos como o Digitalmente Maker, cuja primeira coleção articula programação, robótica, fabricação e diferentes conhecimentos em torno da construção de uma cidade inteligente. Agora estamos desenvolvendo uma segunda coleção, tendo a Inteligência Artificial como um de seus eixos centrais.

Mais do que o produto em si, o que me interessa é o processo: pesquisadores, universidades, empresas e escolas colocando diferentes conhecimentos em circulação. Quando isso acontece, a pesquisa deixa de permanecer restrita ao ambiente acadêmico e passa a dialogar diretamente com o desenvolvimento tecnológico e com os problemas concretos da escola. E aquilo que acontece na escola também retorna à pesquisa na forma de novas perguntas.



Apresentação no Seminário Luso-brasileiro de Educação – Universidade de Aveiro em Portugal (2024)



Pedro Pombo, Marcelo Amado, Astronauta Marcos Pontes e Eliton Meireles e Pedro Pombo no Seminário Luso-brasileiro de Educação – Universidade de Aveiro em Portugal (2024)



Laboratório de Inovação Tecnológica – Município de Seia – Portugal (2024)

RE: Boa parte dessa trajetória mais recente passou a ser construída a partir de Indaiatuba. Quando você olha para a educação da cidade, que possibilidades enxerga diante dessas transformações?

Vejo Indaiatuba diante de uma oportunidade importante: fazer com que a incorporação de tecnologias à educação avance junto com a discussão sobre formação de professores, currículo e experiências de aprendizagem. Para mim, esse é o ponto decisivo. Não basta uma escola possuir Inteligência Artificial, robótica ou um espaço maker; é preciso perguntar o que professores e estudantes passam efetivamente a poder fazer, investigar e aprender com esses recursos.

A cidade pode avançar justamente na articulação dessas dimensões. Um espaço maker, por exemplo, ganha força quando deixa de ser apenas um lugar equipado e passa a integrar projetos em que estudantes investigam problemas, constroem soluções, programam, testam, erram e tomam decisões. Isso vale para a Inteligência Artificial: seu valor educacional estará menos na presença da ferramenta e mais na qualidade das experiências que forem construídas com ela.

É nesse sentido que vejo uma possibilidade interessante para Indaiatuba: transformar a presença crescente dessas tecnologias em uma agenda pedagógica, articulando infraestrutura, formação docente e planejamento. Mais do que acompanhar uma transformação que já está acontecendo, a cidade pode ajudar a construir referências sobre como integrá-la à escola com intencionalidade e qualidade pedagógica.

RE: E sua relação com Indaiatuba recentemente ultrapassou também o campo profissional, com sua entrada na Academia de Letras de Indaiatuba. O que representa esse novo vínculo e, especialmente, ocupar uma cadeira que tem Paulo Freire como patrono?

Representa um vínculo ainda mais profundo com Indaiatuba, uma cidade que escolhi para viver e com a qual fui construindo uma relação de pertencimento. Entrar para a Academia de Letras significa, para mim, transformar esse pertencimento em participação: estar mais próximo da vida cultural da cidade, contribuir com ela e, de alguma forma, ajudar a escrever também uma pequena parte de sua história.

Mas há algo especialmente simbólico em ocupar uma cadeira que tem Paulo Freire como patrono. Eu recebo isso menos como uma distinção e mais como uma responsabilidade. Freire é uma presença muito importante na minha formação como educador. Há nele uma maneira de compreender a educação profundamente humana: o respeito pelo outro, a confiança na capacidade das pessoas de aprender, a defesa do diálogo e a convicção de que ensinar nunca pode ser separado da dignidade, da autonomia e da esperança.

Por isso, existe também um carinho muito grande nesse encontro. Quando penso que seu nome acompanhará a cadeira que passo a ocupar, sinto que há uma espécie de compromisso silencioso ali: procurar estar à altura dos valores que ele ajudou a colocar no centro da educação brasileira. Não significa repetir Paulo Freire, mas continuar fazendo perguntas que ele certamente consideraria importantes: a serviço de quem educamos? Que vozes estamos ouvindo? Que autonomia estamos ajudando a construir? Que mundo ajudamos nossos estudantes a ler e a transformar?

Essas perguntas me parecem ainda mais necessárias num tempo em que começamos a dividir com máquinas tarefas de escrita, criação e pensamento. As tecnologias continuarão mudando, talvez em uma velocidade que sequer conseguimos antecipar. Mas aquilo que há de mais essencial na educação permanece profundamente humano. Entre algoritmos, livros, salas de aula e cidades, continuaremos precisando aprender uns com os outros, olhar o mundo com curiosidade e rigor e, sobretudo, acreditar que ele pode ser transformado. Para mim, carregar Paulo Freire como patrono é também carregar essa esperança.



Eliton Meireles com a pelerine da Academia de Letras de Indaiatuba

RE: E para a gente finalizar, depois de tudo isso — tecnologia, pesquisa, escola e tantas mudanças que ainda estão por vir — o que precisa ganhar ainda mais centralidade na educação daqui para frente?

A formação de pessoas capazes de pensar com autonomia, interpretar o mundo com profundidade e fazer escolhas responsáveis. Em um cenário em que máquinas produzem respostas, textos, imagens, análises e sugestões em segundos, talvez o valor da educação esteja cada vez menos em simplesmente acessar informação e cada vez mais em desenvolver critérios para compreendê-la, questioná-la e transformá-la em conhecimento.

Isso recoloca no centro dimensões profundamente humanas da aprendizagem: curiosidade, autoria, julgamento, criatividade, ética, responsabilidade e capacidade de conviver com a dúvida. Aprender não é apenas chegar a uma resposta; é construir repertório para perceber quando uma resposta é insuficiente, formular outras perguntas e decidir que caminho seguir.

A Inteligência Artificial provavelmente estará integrada a muitas dessas experiências. O desafio será criar contextos em que ela amplie nossas possibilidades sem empobrecer os processos que nos fazem aprender. Nem toda dificuldade precisa ser eliminada, porque algumas delas são justamente parte do caminho pelo qual desenvolvemos a capacidade de pensar.

E talvez esse seja um cuidado fundamental para o futuro: à medida que as máquinas aprendem a pensar conosco, precisamos continuar capazes de pensar por nós mesmos.


D+
EDUCATIVO
Sistema de Ensino Positivo
O Futuro começa agora
MATRÍCULAS ABERTAS
19-3894-6123
RUA INDEPENDÊNCIA, 743 - CIDADE NOVA

Parceiros que fortalecem uma formação completa.

No D+ Educativo, unimos referência em ensino, solução bilíngue, desenvolvimento socioemocional e segurança para as famílias, com parceiros reconhecidos e de confiança.



SISTEMA DE ENSINO POSITIVO

Tradição, qualidade e resultados.

Um dos maiores e mais respeitados sistemas de ensino do país, com materiais atualizados, metodologia inovadora e foco no desenvolvimento acadêmico e nas competências para o futuro.



pes English

Inglês que conecta com o mundo.

O PES é uma solução bilíngue com metodologia internacional, que desenvolve a fluência no inglês de forma natural e dinâmica, ampliando horizontes e preparando nossos alunos para um futuro global.



Pleno

Educação Socioemocional

Pessoas mais conscientes e preparadas para a vida.

O Pleno desenvolve competências socioemocionais como autoconhecimento, empatia, resiliência e protagonismo, formando alunos mais equilibrados, confiantes e preparados para os desafios de hoje e de amanhã.



PORTO SEGURO

Mais tranquilidade para sua família

Seguro contra acidentes, 24 horas por dia.

Todos os nossos alunos são segurados contra acidentes, dentro e fora da escola, 24 horas por dia.

Seguro financeiro educacional.

As famílias contam com um seguro que garante o pagamento da mensalidade em caso de perda de emprego, oferecendo mais segurança e tranquilidade para o planejamento do futuro.

40 anos de história.

Sempre olhando para o futuro.

A trajetória do D+ Educativo soma a experiência de duas instituições que acreditam no poder transformador da educação.

Com a união das administrações, que juntas construíram 40 anos de história, o D+ assumiu o Colégio Projeção, mantendo sua tradição e solidez agora com um olhar ainda mais inovador e preparado para os desafios do amanhã.

Um colégio tradicional e robusto, com um ensino sempre em evolução.


UMA JORNADA.
MIL DESCOBERTAS.
UMA FORMAÇÃO
COMPLETA.
EDUCATIVO

D+ EDUCATIVO

BERÇÁRIO
Primeiros passos.

EDUCAÇÃO INFANTIL
Descobrir, brincar, aprender.

ENSINO FUNDAMENTAL I
Construir conhecimentos.

ENSINO FUNDAMENTAL II
Explorar talentos e ampliar horizontes.

ENSINO MÉDIO
Preparar para o futuro.

MATRÍCULAS ABERTAS

19-3894-6123

RUA INDEPENDÊNCIA, 743
CIDADE NOVA • INDAIATUBA/SP

Agende uma visita.

A VIOLÊNCIA QUE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL INVENTA

Deepfakes sexuais chegam às escolas, expõem adolescentes e revelam como tecnologia, misoginia e cultura de humilhação se encontram no ambiente digital.



Uma imagem pode nunca ter acontecido e, ainda assim, mudar a vida de alguém. É essa uma das características mais perturbadoras dos chamados deepfakes sexuais: conteúdos produzidos ou manipulados por inteligência artificial que simulam nudez ou situações de teor sexual envolvendo pessoas que nunca estiveram naquela cena. A tecnologia cria a imagem. A rede faz o restante.

No ambiente escolar, o fenômeno acrescenta uma nova camada a problemas antigos, como bullying, exposição, humilhação e violência de gênero. O que antes dependia de uma fotografia verdadeira, capturada ou compartilhada sem autorização, agora pode ser fabricado a partir de uma imagem comum publicada nas redes sociais.

Um levantamento da SaferNet Brasil identificou **16 casos de deepfakes sexuais registrados em escolas de dez estados brasileiros entre 2023 e 2025**. A pesquisa, apoiada pelo fundo Safe Online, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), também mapeou 57 agressores, todos menores de 18 anos quando os episódios aconteceram, e 72 vítimas.

16 casos
registrados em escolas de 10 estados brasileiros entre 2023 e 2025

72 vítimas
identificadas no levantamento da SaferNet Brasil.

Os números, porém, não representam necessariamente a dimensão real do problema. A própria organização ressalta que não existe hoje um sistema capaz de monitorar de forma abrangente a ocorrência desses crimes e o andamento das investigações.

Um único caso registrado no Distrito Federal, por exemplo, envolveu dez vítimas. Por trás dos números existe uma questão que talvez seja ainda mais difícil de dimensionar: **o que acontece com uma adolescente quando uma imagem falsa passa a ser socialmente tratada como verdadeira?**

UMA IMAGEM QUE NÃO EXISTE, *UMA HUMILHAÇÃO QUE EXISTE*

A inteligência artificial generativa tornou acessíveis ferramentas que antes exigiam conhecimentos técnicos muito mais sofisticados. Aplicativos capazes de alterar imagens e produzir representações sexualizadas passaram a circular entre adolescentes e em comunidades fechadas de plataformas como Discord e Telegram.

A tecnologia, nesse caso, não cria necessariamente uma nova vontade. Ela oferece uma ferramenta para comportamentos que já existiam.

Humilhar alguém continua sendo humilhar. Expor continua sendo expor. O que mudou foi a facilidade com que uma imagem pode ser produzida, multiplicada e distribuída.

"Quando esse tipo de conteúdo circula em comunidades online sem moderação, o impacto emocional nas vítimas pode ser devastador", afirma a advogada e pesquisadora Cléo Garcia, doutoranda em Educação pela Unicamp.

Para ela, existe uma relação possível entre esse tipo de violência e processos de radicalização de adolescentes, especialmente quando os ambientes digitais passam a reforçar discursos de ódio, misoginia e desumanização.

A questão não está apenas na imagem produzida pela inteligência artificial, mas no ambiente que permite que ela seja criada, compartilhada e transformada em instrumento de poder.

A vítima pode ser conhecida por quem produz o conteúdo, estudar na mesma escola ou simplesmente ter uma fotografia disponível nas redes sociais. A partir daí, uma imagem cotidiana pode ser transformada em algo que nunca aconteceu.

E a mentira passa a produzir consequências verdadeiras.

Vergonha. Isolamento. Medo de frequentar a escola. Constrangimento diante dos colegas. Dificuldade de confiar novamente nas pessoas.





O DIGITAL *NÃO TERMINA NA TELA*

Existe uma tendência de tratar a violência virtual como algo menos concreto do que aquela que acontece presencialmente. Mas, para quem é vítima, não existe uma fronteira tão clara.

A pessoa que foi exposta precisa continuar encontrando os mesmos colegas. Precisa entrar na sala de aula, participar de grupos, circular pelo pátio e conviver com a possibilidade de que alguém tenha visto — ou ainda esteja compartilhando — aquela imagem.

É justamente por isso que especialistas defendem que as escolas não tratem os deepfakes apenas como um problema tecnológico.

Desde janeiro de 2024, bullying e cyberbullying passaram a integrar o Código Penal brasileiro, com previsão de punições específicas. Para Cléo Garcia, porém, a existência da lei é apenas uma parte da resposta.

O enfrentamento também passa pela criação de protocolos, pelo acolhimento das vítimas e pela preparação de profissionais para reconhecer e interromper situações de violência. “Vejo a violência tecnológica como uma nova linguagem para velhas feridas sociais”, afirma.

A frase ajuda a colocar o fenômeno em perspectiva. A inteligência artificial pode ter criado uma nova ferramenta, mas não inventou a necessidade humana de pertencer, nem a crueldade da exclusão, nem a dinâmica de transformar alguém em alvo diante de um grupo.

A ESCOLA DIANTE *DE UMA NOVA FRONTEIRA*

O desafio é que a escola agora precisa lidar com algo que acontece, muitas vezes, fora de seus muros e depois invade seus corredores.

Uma imagem pode ser produzida à noite, em uma casa, por meio de um celular. Na manhã seguinte, ela pode estar circulando entre dezenas de estudantes.

É nesse intervalo que aparece uma das maiores dificuldades para educadores: **como agir diante de uma violência que não começou dentro da escola, mas produz consequências diretamente dentro dela?**

A resposta não está apenas em proibir celulares ou bloquear plataformas. Também não está em transferir toda a responsabilidade para adolescentes que, muitas vezes, sequer compreendem a dimensão das consequências do que compartilham.

O trabalho preventivo passa pela educação digital, mas também por temas mais amplos: consentimento, privacidade, sexualidade, respeito, responsabilidade coletiva e compreensão dos efeitos que uma exposição pública pode produzir.

Para Garcia, intervenções socioeducativas devem fazer parte dessa resposta. A escola precisa criar espaços de diálogo e desenvolver uma cultura de cuidado, além de estabelecer caminhos claros para que uma vítima saiba a quem recorrer.

Isso significa ensinar algo que talvez seja mais importante do que simplesmente aprender a utilizar uma nova tecnologia: **compreender que ter capacidade técnica para fazer alguma coisa não significa ter o direito de fazê-la.**

A MÁQUINA TAMBÉM APRENDE

Existe ainda outro personagem nessa história: o algoritmo.

Plataformas digitais são estruturadas para identificar aquilo que desperta atenção e mantém o usuário conectado. Conteúdos que provocam emoções intensas podem alcançar mais pessoas, enquanto sistemas automatizados aprendem com os comportamentos de quem os utiliza.

A professora e pesquisadora Sandra Ávila, do Instituto de Computação da Unicamp, chama atenção para essa lógica. Em sua área de pesquisa, a inteligência artificial é utilizada para reconhecer padrões e analisar grandes volumes de dados, inclusive em situações nas quais a tecnologia pode contribuir para identificar possíveis casos de violência.

O mesmo princípio, porém, pode ser explorado para produzir e disseminar conteúdos prejudiciais.

Os aplicativos capazes de “desnudar” digitalmente uma pessoa são um exemplo.

Segundo Ávila, os casos identificados pela SaferNet provavelmente representam apenas uma parcela do fenômeno. Há ainda um obstáculo adicional: tutoriais que ensinam a produzir esse tipo de material podem ser encontrados facilmente na internet.

A tecnologia, portanto, avança mais rapidamente do que a capacidade das instituições de acompanhar seus efeitos.



NÃO É SÓ SOBRE *INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL*

Talvez seja esse o ponto mais importante para compreender os *deepfakes* sexuais nas escolas.

A discussão não é apenas sobre o que uma máquina consegue fabricar. É sobre **o que uma sociedade está disposta a fazer com aquilo que a máquina torna possível.**

Uma fotografia pode virar uma nudez falsa. Uma brincadeira pode virar humilhação coletiva. Uma postagem pode se transformar em instrumento de perseguição.

E uma tecnologia criada para produzir imagens pode acabar revelando algo muito mais antigo: como ainda lidamos com o corpo feminino, com a intimidade, com a diferença e com o poder de expor o outro.

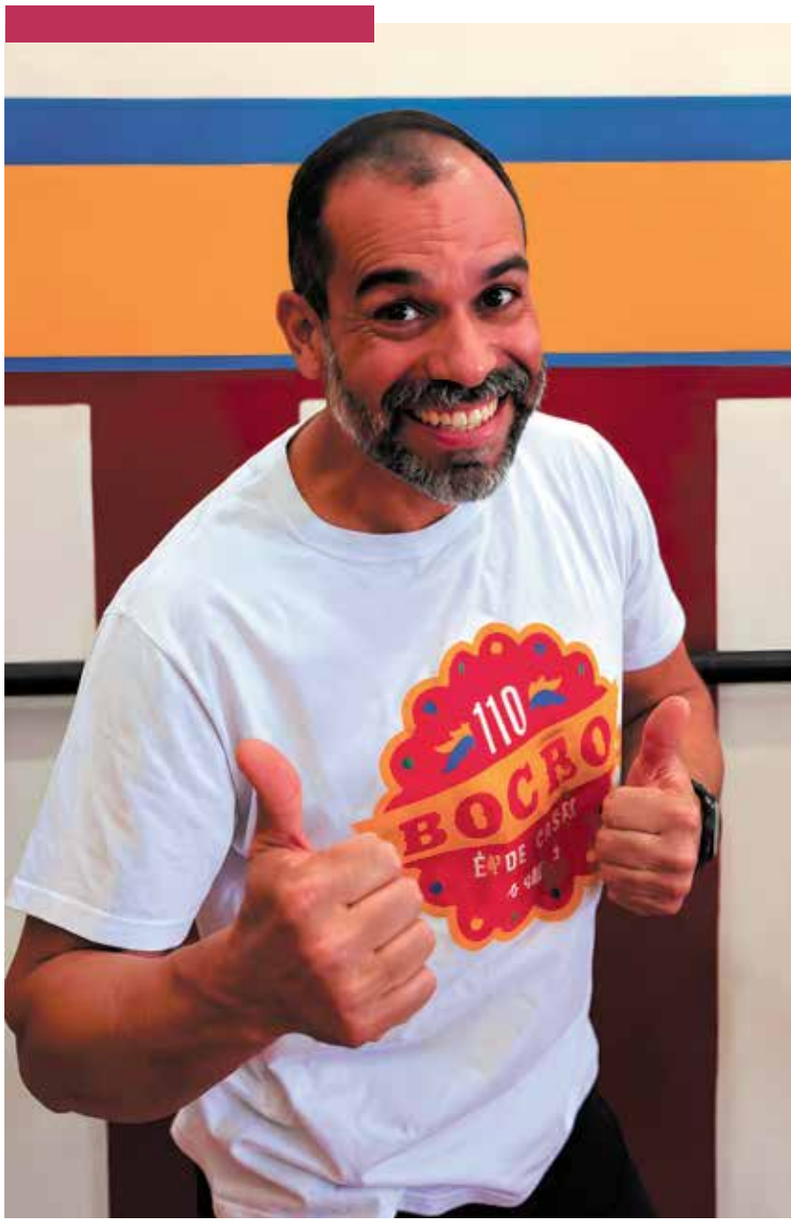
Por isso, combater esse tipo de violência não significa apenas criar ferramentas capazes de identificar uma imagem falsa.

Significa construir uma cultura na qual **a humilhação deixe de ser entretenimento, a exposição deixe de ser moeda social e a tecnologia seja compreendida como ferramenta — não como autorização para ultrapassar o limite do outro.**

QUEM ENSINA A CAIR

Pioneiro da arte circense em Indaiatuba, Jader de Morais fez do picadeiro um espaço onde equilíbrio, coragem e movimento se transformam em autoestima, desenvolvimento motor e inteligência socioemocional.

FLÁVIA GIRARDI



“Eu tive que dar um passo atrás para pôr outras pessoas na frente”. Ele disse isso sem pensar no peso da frase. Sentado à minha frente, contando sua história como quem narra uma aventura divertida da qual você mesmo faz parte.

Pouca gente percebe, mas essa talvez seja a maior acrobacia de um artista. Não é caminhar sobre uma corda. Não é equilibrar-se em uma perna de pau. Muito menos desafiar a gravidade em um tecido. É vencer o próprio ego.

Enquanto muitos passam a vida tentando ser insubstituíveis, Jader de Morais escolheu construir um legado capaz de caminhar sem ele no centro do picadeiro.

Quem conhece o Tio Bocão enxerga o sorriso largo, as brincadeiras, os espetáculos e as lembranças das festas infantis que marcaram gerações em Indaiatuba. Mas por trás do personagem existe um educador que descobriu, há mais de vinte anos, que o circo nunca foi apenas entretenimento. Era uma forma de ensinar crianças a acreditar em si mesmas.

Foi em 2004 que nasceu o projeto que transformaria a história do circo na cidade. “Eu queria ser o professor que eu não tive para essas crianças”, conta Jader. Em uma época em que quase não existiam atividades de contraturno, ele levou a arte circense para dentro da educação e se tornou pioneiro em Indaiatuba. “Sou o pioneiro da história do circo em Indaiatuba. O circo começou comigo”, narra de forma quase infantil, cheio de alegria em compartilhar.

“Sou o pioneiro da história do circo em Indaiatuba. O circo começou comigo”

Mas o tempo mostrou que o maior espetáculo não estava nas apresentações. Estava na transformação silenciosa de quem subia pela primeira vez em um tecido, caminhava sobre uma perna de pau ou descobria que conseguia dar uma cambalhota depois de acreditar que nunca seria capaz.

Existe um momento curioso em toda aula de circo. Antes de ensinar a subir, aprende-se a cair.

Parece contraditório, mas talvez seja uma das maiores lições para a vida. “A gente ensina a cair. A ideia sempre é pensar na segurança.”

No picadeiro, cair deixa de ser fracasso. Passa a ser aprendizado. O corpo entende aquilo que, muitas vezes, a mente demora anos para compreender: que equilíbrio não significa nunca perder a estabilidade, mas saber encontrá-la novamente.

É justamente aí que o desenvolvimento motor encontra o desenvolvimento socioemocional. Ao desafiar o próprio corpo, a criança fortalece coordenação, lateralidade, consciência corporal e equilíbrio. Mas fortalece também algo invisível: autoestima, coragem, autonomia, persistência e confiança. Jader costuma dizer que uma criança tímida muda completamente quando sobe em uma perna de pau. Ela cresce. Não apenas em centímetros. Ela muda a forma como enxerga o mundo e, principalmente, como passa a enxergar a si mesma.

“O circo é para todos”, explica. Quando um movimento parece impossível, o caminho não é excluir a criança, mas criar ferramentas para que ela consiga chegar até ele. O objetivo nunca é formar artistas. É desenvolver pessoas.

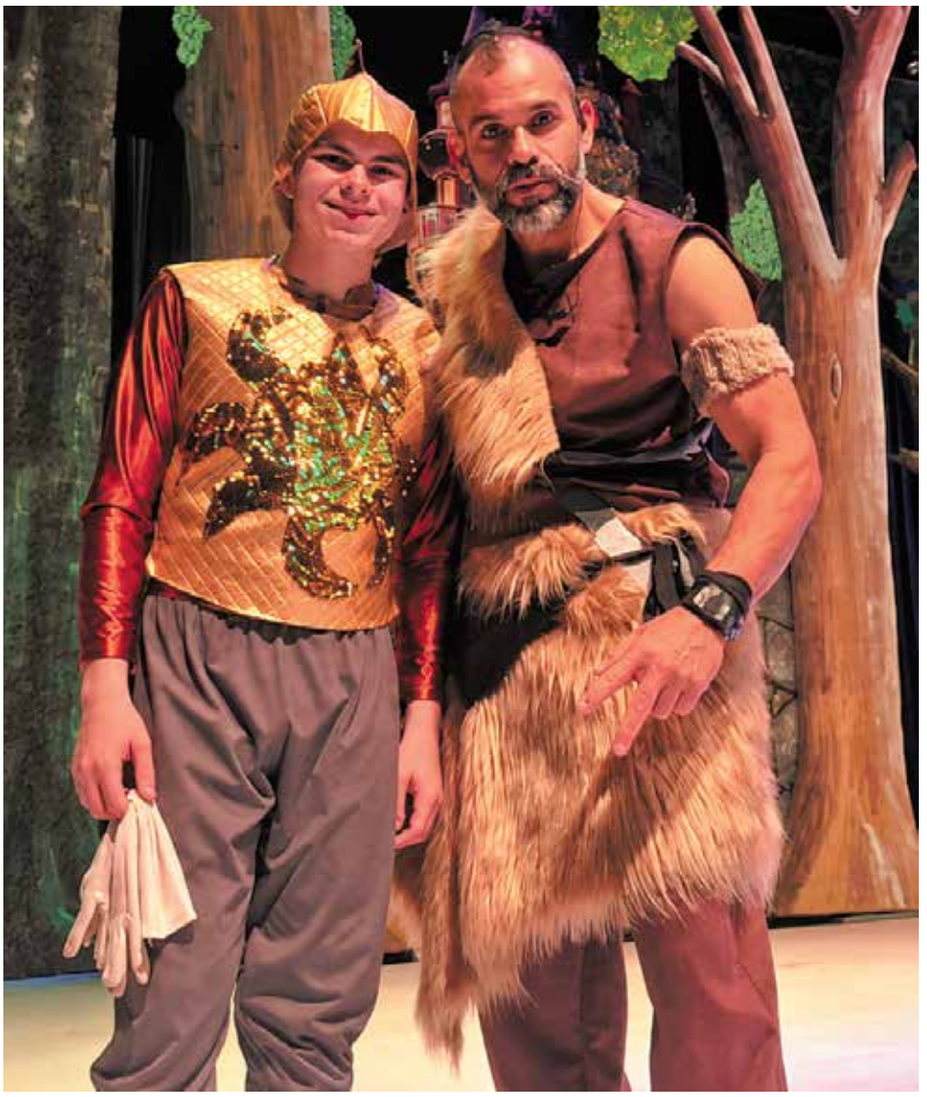
Essa filosofia também transformou a participação das famílias. Enquanto muitos espaços fecham as portas para os pais, no circo de Jader elas permanecem abertas.

“O pai senta praticamente no colchão”, conta. Ao acompanhar cada conquista, ele deixa de enxergar apenas o medo da queda e passa a confiar no processo que levou o filho até ali.

“Talvez o circo seja esse lugar onde a criança pensa: ‘Eu posso’.”

Depois de duas décadas formando crianças, famílias e profissionais, veio uma decisão que resume quem Jader se tornou. “Eu tive que dar um passo atrás para pôr outras pessoas na frente.”

Hoje, o espaço abriga novos professores, novas histórias e novos protagonistas. Não há cópias do Tio Bocão. Há pessoas autorizadas a serem quem são, mantendo viva a filosofia construída desde 2004.



Porque o verdadeiro artista não é aquele que ocupa sozinho o centro do palco. É aquele que abre a cortina para que outros também possam brilhar. E talvez esse seja o maior espetáculo que o circo já apresentou em Indaiatuba.

TIO BOCÃO Circo • Lazer

Tio Bocão – Circo e Lazer
Rua Humberto Milani, 251
Indaiatuba

@tiobocaooficial

ENTRE SALAS, CIDADES E ESCOLHAS

Quase metade dos professores universitários no Brasil mudou de emprego em menos de 20 anos

Existe uma imagem bastante consolidada sobre a carreira universitária: a do professor que ingressa em uma instituição, constrói ali sua trajetória acadêmica e permanece por muitos anos no mesmo lugar. Para quase metade dos docentes brasileiros, porém, a realidade é outra.

Um estudo liderado por Ana Maria Carneiro, coordenadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp, mostra que **46,9% dos professores do ensino superior brasileiro tiveram pelo menos um episódio de mobilidade empregatícia entre 2003 e 2021**. Em outras palavras, quase um em cada dois docentes deixou uma instituição para trabalhar em outra ou passou a acumular vínculos profissionais.

Publicado no periódico *Research in Higher Education*, o levantamento acompanhou professores de instituições públicas e privadas de todo o país e ajuda a olhar para a carreira acadêmica por uma perspectiva menos estática. Por trás de uma mudança de emprego pode existir um concurso, uma busca por estabilidade, uma oportunidade profissional, a necessidade de complementar a renda ou, simplesmente, o desejo de voltar para perto de casa.

"Buscamos analisar a mobilidade acadêmica dentro do Brasil, que significa mobilidade de emprego – sair de uma instituição e entrar em outra –, ou mesmo acumular vínculos empregatícios entre instituições", explica Carneiro.

UNICAMP



A conclusão é de um estudo liderado por Ana Maria Carneiro, coordenadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP)

> ***"Buscamos analisar a mobilidade acadêmica dentro do Brasil, que significa mobilidade de emprego – sair de uma instituição e entrar em outra –, ou mesmo acumular vínculos empregatícios entre instituições"***

O trabalho foi desenvolvido por pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre a Organização da Pesquisa e da Inovação (Lab-Geopi), dentro do projeto Pesquisa da Pesquisa e da Inovação, coordenado por Sergio Luiz Monteiro Salles-Filho e financiado pela Fapesp.

QUATRO CAMINHOS

Para entender essas trajetórias, os pesquisadores recorreram aos microdados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho e Emprego. A escolha permitiu analisar os vínculos formais de trabalho de professores do ensino superior em uma escala nacional.

A partir desses dados, foram identificados quatro padrões principais: **professores que permanecem com um único vínculo; aqueles que acumulam cargos em diferentes instituições; os que fazem uma transição de uma instituição para outra; e os que mudam de emprego depois de um período de interrupção**.

A pesquisa também revela que a mobilidade não acontece da mesma maneira em todos os espaços acadêmicos.

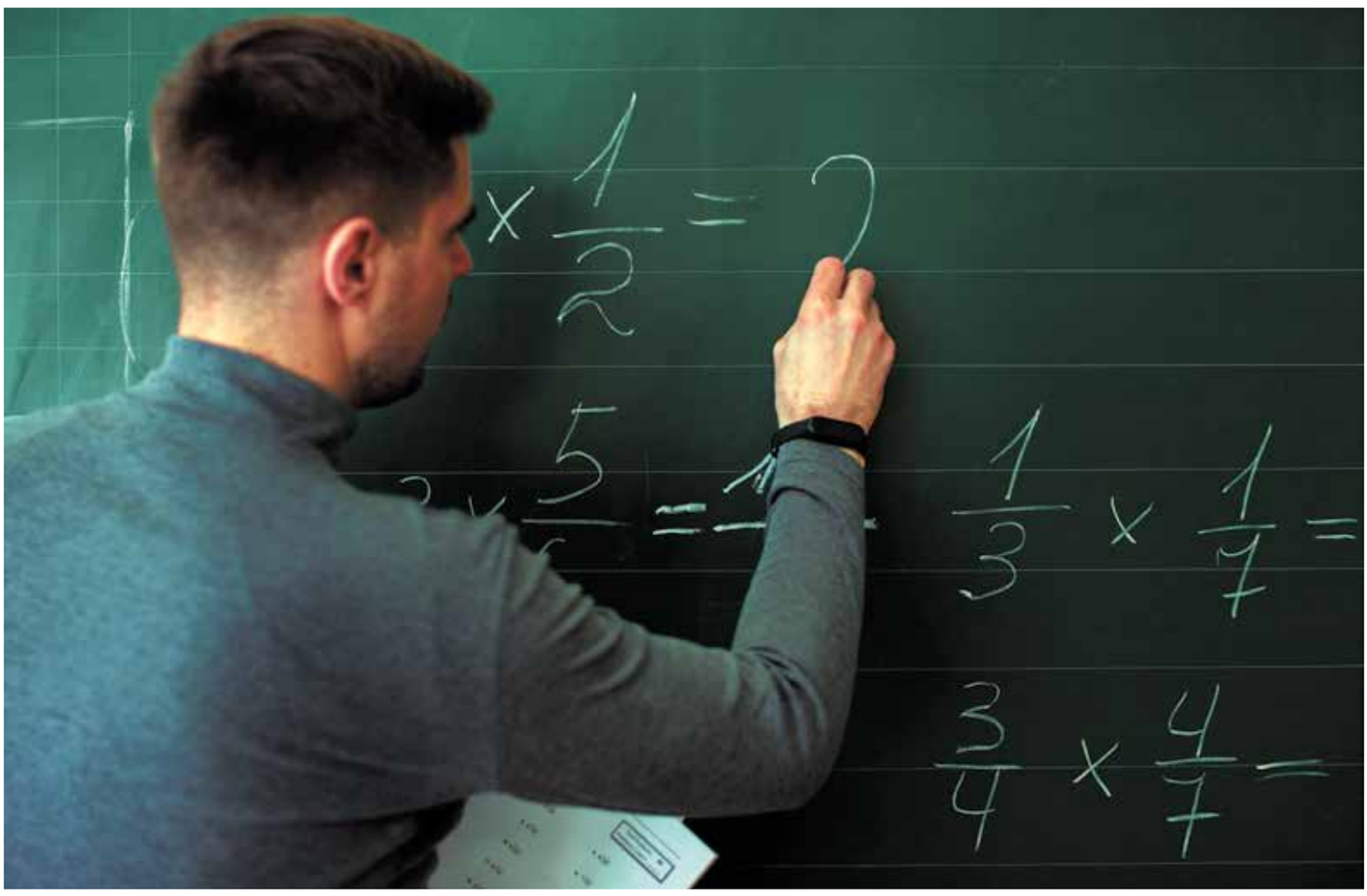
Instituições intensivas em pesquisa e com forte presença de programas de pós-graduação, como grandes universidades públicas, apresentam taxas menores de mobilidade. Já a maior rotatividade aparece em faculdades e centros universitários privados e também em instituições públicas voltadas prioritariamente ao ensino.

Há uma diferença importante entre **mudar porque surgiu uma oportunidade e mudar porque é necessário.**

No setor privado, professores remunerados por hora frequentemente acumulam vínculos em diferentes instituições para compor sua renda. Nesse cenário, a mobilidade pode estar menos relacionada à construção planejada de uma carreira e mais à necessidade de garantir trabalho suficiente.

"Grande parte dessas mobilidades no setor privado ocorre como uma forma de buscar sobrevivência, mais do que buscar melhores condições de trabalho. Sobrevivência no sentido de garantir um salário", observa a pesquisadora.

No setor público, por outro lado, a mudança pode seguir uma lógica diferente. Em determinadas situações, o professor aceita inicialmente uma remuneração menor ao deixar uma instituição privada para ingressar no serviço público, considerando fatores como estabilidade e condições de trabalho.



QUANDO O TERRITÓRIO ENTRA NA CARREIRA

A mobilidade acadêmica brasileira também é, em grande medida, uma história de distâncias relativamente curtas.

Embora seja possível imaginar professores atravessando o país em busca de oportunidades, a pesquisa mostra que a maior parte das movimentações acontece **dentro do próprio estado ou da mesma região geográfica**. Muitos deslocamentos não ultrapassam 50 quilômetros, especialmente em regiões metropolitanas e entre municípios próximos.

O fenômeno ganhou força entre 2007 e 2014, período que coincidiu com o Reuni — Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. A expansão das universidades federais e a interiorização de vagas e concursos modificaram o mapa das oportunidades acadêmicas brasileiras.

Para alguns docentes, a mudança representou uma possibilidade de trabalhar em outra cidade. Para outros, significou justamente uma etapa até conseguir retornar para mais perto de suas origens.

O mapa, portanto, não é apenas profissional. É também afetivo.

Escolher onde trabalhar significa, muitas vezes, escolher onde morar, quanto tempo gastar no deslocamento, de quem ficar perto e que tipo de vida construir fora da universidade.



MULHERES SE MOVEM MENOS

Quando o gênero entra na análise, as diferenças ficam ainda mais evidentes.

Segundo a pesquisa, **as mulheres realizam deslocamentos menores do que os homens**. A explicação não pode ser reduzida a uma única variável, mas o estudo também encontrou diferenças associadas à maternidade, aos salários e à duração dos vínculos.

Mulheres que tiveram licença-maternidade no primeiro emprego tendem a apresentar menor valor de hora-aula e contratos mais curtos.

A distribuição entre os tipos de instituições também é desigual. Os homens aparecem em maior proporção em instituições de ensino tecnológico ou intensivas em pesquisa, enquanto as mulheres têm maior presença em instituições mais voltadas ao ensino de graduação.

É um dado que amplia a discussão sobre mobilidade. Afinal, **a possibilidade de mudar de cidade, aceitar uma oportunidade distante ou reorganizar completamente uma trajetória profissional não está disponível da mesma maneira para todos.**

A carreira acadêmica pode parecer individual, mas é atravessada por fatores bastante concretos: renda, filhos, vínculos familiares, localização das instituições e condições de trabalho.

UMA CARREIRA MENOS LINEAR

O estudo também ajuda a desconstruir outra ideia: a de que mobilidade necessariamente representa ascensão.

Nem toda mudança significa ganhar mais. Nem toda permanência significa estagnação.

Um professor pode trocar uma instituição por outra para conquistar estabilidade. Pode aceitar inicialmente um salário menor em busca de melhores condições. Pode acumular aulas em diferentes faculdades para aumentar a renda. Pode mudar de cidade e, algum tempo depois, fazer outro movimento para se aproximar novamente da família.

Por trás do currículo, do título acadêmico e da instituição onde um professor leciona existe uma história de escolhas, circunstâncias e deslocamentos.

As trajetórias acadêmicas, assim como tantas outras carreiras contemporâneas, são menos lineares do que costumamos imaginar.

E talvez seja justamente essa a principal contribuição do levantamento: mostrar que **por trás do currículo, do título acadêmico e da instituição onde um professor leciona existe uma história de escolhas, circunstâncias e deslocamentos.**



A pesquisa da Unicamp ainda ganhou uma dimensão internacional. Os resultados levaram os pesquisadores a integrar a quarta rodada do consórcio Future Academic Profession, iniciativa que investiga os desafios da profissão docente em diferentes países.

A discussão, portanto, está longe de terminar. Se quase metade dos professores universitários brasileiros mudou de emprego em menos de duas décadas, compreender essas movimentações significa também perguntar que tipo de carreira estamos construindo para quem ensina, pesquisa e forma as próximas gerações.

Porque, no fim, a universidade também se move. E seus professores, com ela.

Roberto Landell de Moura:

o cientista que ensinou o Brasil a imaginar o futuro

Em Itu, ciência, memória e educação se encontram no dedicado à vida e a obra do visionário inventor brasileiro.



Antes de falar ao mundo pelas ondas do rádio, Roberto Landell de Moura precisou enfrentar o silêncio. A resistência da comunidade científica, a desconfiança da própria Igreja, a ausência de investimentos e o isolamento intelectual impediram que suas descobertas alcançassem, em seu tempo, o reconhecimento proporcional à sua dimensão. Ainda assim, o padre gaúcho permaneceu fiel ao propósito de investigar, experimentar e ampliar as fronteiras do conhecimento. Mais de um século depois, seu legado ressurge como inspiração para uma educação que valoriza a curiosidade, a criatividade e a coragem de pensar além do óbvio.

Acontece, que muitos de nós, nem ao menos temos ideia de seu legado, até porque, quando se fala na história das telecomunicações, nomes como Guglielmo Marconi e Nikola Tesla costumam ocupar lugar de destaque. Poucos brasileiros, entretanto, conhecem a trajetória de um sacerdote nascido em Porto Alegre que, anos antes da popularização do rádio, já realizava experiências de transmissão da voz humana sem fios. Roberto Landell de Moura (1861-1928) foi um pesquisador inquieto, inventor, filósofo, físico autodidata e sacerdote que transformou a própria curiosidade em instrumento de investigação científica.

1899

Transmissão da voz humana por ondas eletromagnéticas em São Paulo

1903

Conquista de três patentes nos Estados Unidos relacionadas à transmissão sem fio da voz

Sua história, durante décadas relegada às notas de rodapé da ciência, começa finalmente a ocupar o espaço que merece. A inauguração do Memorial Landell de Moura, em Itu (SP), representa o resgate de uma biografia baseada na experimentação, na interdisciplinaridade e na capacidade de sonhar.

Um homem muito à frente do seu tempo

Em 16 de julho de 1899, Landell realizou uma demonstração pública de transmissão da voz humana por ondas eletromagnéticas entre diferentes pontos da cidade de São Paulo. O feito ocorreu antes das primeiras transmissões radiofônicas que se popularizariam no mundo e antecipava conceitos que décadas depois se tornariam fundamentais para o desenvolvimento das telecomunicações.

Anos mais tarde, em 1903, conquistou três patentes nos Estados Unidos relacionadas à transmissão sem fio da voz, um reconhecimento raro para um pesquisador brasileiro da época. Seus equipamentos, entre eles o transmissor de ondas, o telefone sem fio e o telégrafo sem fio, demonstravam que a comunicação poderia ultrapassar barreiras físicas sem depender de cabos.

Contudo, diferentemente de outros inventores que contavam com apoio financeiro e industrial, Landell trabalhava praticamente sozinho. Construía seus próprios aparelhos, financiava suas pesquisas com recursos limitados e enfrentava a descrença de muitos contemporâneos. Faltava ao Brasil do início do século XX um ambiente favorável à inovação científica.

Ciência sem fronteiras



Reduzir Landell de Moura ao título de “inventor do rádio” é limitar a dimensão de seu pensamento Seu campo de investigação percorria diferentes áreas do conhecimento: física, eletricidade, eletromagnetismo, acústica, psicologia, antropologia experimental e estudos sobre percepção humana. Essa característica faz dele um precursor daquilo que hoje chamamos de ciência interdisciplinar.

Entre 1906 e 1907, durante sua permanência em Mogi das Cruzes, desenvolveu pesquisas sobre um fenômeno que denominava “perianto”, descrito como uma forma de energia que envolveria os seres vivos. Para estudar esse campo, criou equipamentos capazes de registrar imagens produzidas por descargas elétricas, décadas antes da divulgação da fotografia Kirlian.

Embora muitas dessas hipóteses permaneçam objeto de debate e não tenham sido incorporadas ao conhecimento científico consolidado, elas revelam uma característica marcante de Landell: a disposição permanente para formular perguntas, testar possibilidades e construir instrumentos capazes de investigar aquilo que ainda era desconhecido.

Essa postura investigativa constitui um dos maiores legados pedagógicos deixados pelo cientista.

O conhecimento como vocação

Formado em Roma, Landell conciliou a vida religiosa com intensa atividade intelectual. Para ele, fé e ciência não eram campos opostos, mas diferentes caminhos para compreender a realidade.

Essa visão, entretanto, provocou conflitos.

Suas experiências despertavam estranhamento e, em diversos momentos, foram interpretadas com desconfiança. O padre enfrentou resistência institucional, foi transferido entre paróquias e teve dificuldades para dar continuidade às pesquisas.

Você pode ampliar esse trecho da seguinte forma, mantendo o estilo da matéria:

Mesmo diante das adversidades, jamais abandonou o estudo. Em 1916, criou um Gabinete de Antropologia Experimental, onde investigava fenômenos relacionados à psicologia, hipnose e comportamento humano. Três anos depois, publicou, sob o pseudônimo Bernardus Valumbrosius, a obra *Apontamentos de Psychologia*, evidenciando que sua produção intelectual permanecia ativa apesar das limitações impostas ao seu trabalho. A escolha do pseudônimo não foi casual. Pesquisadores apontam que ela refletia a situação de incompreensão e censura enfrentada pelo padre cientista e sua identificação com Galileu Galilei, outro pesquisador que desafiou os paradigmas de sua época e sofreu resistência por defender ideias revolucionárias. Assim como o cientista italiano, Landell acreditava que a busca pela verdade científica exigia coragem para enfrentar o descrédito e perseverança para continuar investigando, mesmo quando suas descobertas pareciam incompreensíveis aos olhos de seus contemporâneos.

Sua trajetória lembra que a produção científica raramente segue caminhos lineares. Grandes descobertas frequentemente nascem da persistência diante da dúvida e da capacidade de continuar investigando mesmo quando o reconhecimento ainda não existe.



Um educador pelo exemplo

Embora nunca tenha atuado como professor nos moldes convencionais, Landell exerceu um papel profundamente educativo.

Sua vida ensina que aprender exige curiosidade, disciplina, autonomia e disposição para errar. Em uma época em que os recursos tecnológicos eram escassos, ele construiu laboratórios, desenvolveu equipamentos, testou hipóteses e registrou cuidadosamente seus experimentos.

Hoje, esses princípios dialogam diretamente com metodologias contemporâneas como a aprendizagem baseada em projetos, a cultura maker, a investigação científica na escola e a educação STEAM, que integra ciência, tecnologia, engenharia, artes e matemática.

Essas abordagens procuram formar estudantes capazes de observar problemas, formular perguntas e criar soluções, exatamente como fazia o padre cientista.

O Memorial: **ciência viva**

Instalado em Itu, o Memorial Landell de Moura amplia essa dimensão educativa. Primeiro espaço cultural brasileiro inteiramente dedicado ao pesquisador, o memorial foi concebido para funcionar como ambiente de aprendizagem, inclusão e democratização do conhecimento. Além do acervo histórico, reúne experiências interativas, recursos multissensoriais, acessibilidade universal e programação voltada à comunidade.

Entre as iniciativas previstas estão atividades gratuitas para crianças e adolescentes, oficinas de ciências, educação financeira, inglês e projetos que aproximam tecnologia e cidadania utilizando metodologias baseadas no brincar e na experimentação.

A proposta rompe com o conceito tradicional de museu como espaço apenas contemplativo e transforma o patrimônio histórico em instrumento de formação humana.

Um legado para o século XXI

Durante muito tempo, Roberto Landell de Moura foi lembrado apenas por especialistas, radioamadores e pesquisadores da história da tecnologia. Hoje, sua obra ganha novo significado.

Em um cenário em que criatividade, inovação, pensamento crítico e alfabetização científica tornam-se competências essenciais, sua trajetória oferece uma poderosa referência para educadores, estudantes e gestores.

Landell nos lembra que a educação não consiste apenas em transmitir respostas, mas sobretudo em cultivar perguntas. Que a ciência nasce da observação, da coragem de experimentar e da disposição para desafiar certezas.

Ao devolver visibilidade a um dos maiores inventores brasileiros, o Memorial Landell de Moura também devolve às novas gerações a possibilidade de reconhecer que o conhecimento produzido no Brasil sempre foi capaz de dialogar com as grandes transformações da humanidade.

Talvez esse seja seu maior legado: mostrar que toda inovação começa quando alguém ousa imaginar aquilo que ainda parece impossível.



Roberta, Isbela e Sylvio Landell de Moura

Memorial Landell de Moura
Rua Floriano Peixoto, 160 – Centro, Itu/SP
Entrada mediante agendamento

www.landelldemoura.org

POR QUE FALAR SOBRE EMOÇÕES FORTALECE AS CRIANÇAS?



Excesso de notícias negativas, hiperconectividade e contato precoce com conteúdos adultos podem afetar o equilíbrio emocional das crianças; especialistas defendem a educação emocional como ferramenta de proteção

A infância sempre foi marcada pela curiosidade, pela imaginação e pela capacidade de transformar pequenos acontecimentos em grandes descobertas. Mas, em um mundo permanentemente conectado, essa fase da vida passou a conviver também com uma avalanche de informações que, muitas vezes, nem os adultos conseguem processar.

Guerras, tragédias, violência, crises econômicas, desastres ambientais e conflitos circulam diariamente pelas telas de celulares, televisões e redes sociais. Mesmo quando não procuram esse tipo de conteúdo, as crianças acabam expostas a notícias que despertam medo, insegurança e ansiedade. O resultado pode ser um sofrimento emocional silencioso, que nem sempre é percebido pelas famílias.

Para a psicopedagoga e educadora parental Iara Mastine, um dos maiores desafios da atualidade é compreender que a infância precisa de proteção não apenas física, mas também emocional.

Segundo ela, crianças ainda estão formando sua compreensão sobre o mundo e nem sempre possuem maturidade para interpretar acontecimentos complexos. Quando entram em contato frequente com informações negativas, podem desenvolver sentimentos de insegurança, tristeza, medo constante ou até perder o interesse por atividades que antes despertavam prazer.

Os sinais costumam surgir de maneira sutil. Mudanças de humor, irritabilidade, alterações no sono, dificuldade de concentração, aumento da ansiedade, insegurança excessiva e isolamento podem indicar que a criança está sobrecarregada emocionalmente. Em muitos casos, ela sequer consegue explicar o que sente.

Outro fator que amplia esse cenário é a hiperconectividade. O acesso contínuo às telas faz com que o fluxo de informações praticamente nunca tenha pausa. Diferentemente das gerações anteriores, que recebiam notícias em momentos específicos do dia, hoje crianças convivem com notificações, vídeos, imagens e comentários em tempo real, muitas vezes sem qualquer filtro ou contextualização.

Especialistas alertam que isso não significa afastar completamente os filhos das informações sobre o mundo, mas compreender que existe uma maneira adequada de apresentá-las. A mediação dos adultos faz toda a diferença para transformar acontecimentos difíceis em conversas acolhedoras, respeitando a idade e o desenvolvimento emocional da criança.

Nesse processo, a chamada educação emocional ganha cada vez mais importância. Mais do que ensinar a identificar sentimentos como alegria, tristeza, medo ou raiva, ela ajuda crianças a compreender que todas as emoções são legítimas e podem ser acolhidas e elaboradas de forma saudável.

Iara destaca que os pais também exercem papel fundamental ao observar o próprio comportamento diante das notícias. Crianças aprendem muito mais pelo exemplo do que pelo discurso. Ambientes em que predominam conversas alarmistas, consumo constante de informações negativas ou ansiedade permanente tendem a influenciar diretamente a forma como elas percebem o mundo.

Criar momentos de desconexão, incentivar brincadeiras ao ar livre, fortalecer os vínculos familiares, estimular a leitura, a arte, a música e o contato com a natureza são estratégias que ajudam a equilibrar os impactos da rotina digital. Da mesma forma, reservar tempo para conversar sobre sentimentos e ouvir as preocupações das crianças fortalece a sensação de segurança.

Essa reflexão inspira também produções voltadas ao público infantil. O livro “Em busca das cores”, da escritora britânica Patrice Karst, utiliza a literatura para abordar, de maneira delicada, como acontecimentos difíceis podem alterar a forma como uma criança enxerga o mundo e como o acolhimento emocional pode ajudá-la a reencontrar esperança. A obra serve como ponto de partida para conversas importantes entre pais, educadores e profissionais da infância.

Em uma sociedade marcada pelo excesso de informação, preservar o direito das crianças de viver uma infância emocionalmente saudável tornou-se uma responsabilidade compartilhada. Afinal, cuidar do que elas sentem é tão importante quanto cuidar do que elas aprendem.





PROFESSORES NO LIMITE: O ENSINAR QUE ADOECE

Ansiedade, síndrome do pânico e esgotamento emocional revelam uma realidade silenciosa nas escolas brasileiras e acendem o alerta para a valorização da saúde mental dos professores

A sala de aula sempre foi um espaço de construção do conhecimento. Nos últimos anos, porém, para muitos educadores ela também passou a representar um ambiente de tensão constante. Entre cobranças por resultados, excesso de burocracia, conflitos com famílias, violência escolar e a necessidade de lidar diariamente com desafios sociais cada vez mais complexos, ensinar deixou de ser apenas uma profissão exigente para se tornar, em muitos casos, um fator de adoecimento.

Os números ajudam a dimensionar essa realidade. Uma pesquisa divulgada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) revelou que 97,6% dos profissionais da educação associam algum nível de sofrimento emocional ao trabalho. Quase metade dos entrevistados afirma já ter enfrentado episódios de ansiedade ou síndrome do pânico, enquanto cerca de um quarto precisou se afastar das atividades por questões relacionadas à saúde mental.

Por trás das estatísticas existem histórias que raramente chegam ao conhecimento da sociedade. São professores que levam trabalho para casa todos os dias, convivem com jornadas extensas, acumulam funções administrativas, enfrentam salas superlotadas e, muitas vezes, sentem-se responsabilizados por problemas que ultrapassam os limites da escola.

Para o professor, coordenador pedagógico e doutor em Educação Arthur V. F. Furtado, esse desgaste não é consequência de um único fator, mas de um conjunto de transformações que, ao longo dos anos, ampliaram a pressão sobre os profissionais da educação.

Segundo ele, o professor passou a ocupar uma posição contraditória: é visto como peça fundamental para transformar a sociedade, mas frequentemente trabalha em condições que dificultam justamente o exercício dessa missão. A cobrança por resultados convive com estruturas precárias, excesso de demandas burocráticas e pouca valorização profissional.



Arthur V. F. Furtado

Essa percepção nasceu tanto da experiência em escolas públicas e particulares quanto das pesquisas desenvolvidas pelo educador durante o doutorado. Ao observar a rotina escolar, Arthur identificou um processo de invisibilização do sofrimento psicológico vivido pelos docentes, muitas vezes tratado como algo natural da profissão.

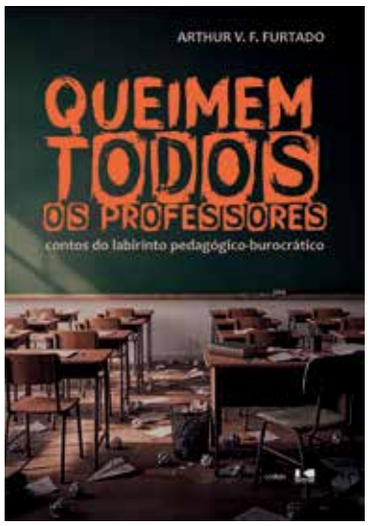
Outro aspecto apontado por especialistas é que o papel do professor se expandiu significativamente. Além de ensinar conteúdos, hoje ele atua como mediador de conflitos, orientador emocional, gestor de sala de aula, interlocutor das famílias e responsável por inúmeras tarefas administrativas. A multiplicidade de funções, sem que haja tempo ou estrutura suficientes para desempenhá-las, favorece o surgimento do esgotamento físico e emocional.

O resultado aparece não apenas no aumento dos afastamentos por questões de saúde mental, mas também na dificuldade de permanência na carreira. Cada vez mais profissionais relatam sintomas como insônia, crises de ansiedade, sensação constante de incapacidade, exaustão e perda do entusiasmo pelo trabalho.

Especialistas defendem que enfrentar esse cenário exige mais do que oferecer atendimento psicológico aos educadores. É necessário discutir políticas de valorização profissional, melhores condições de trabalho, redução da sobrecarga administrativa, ambientes escolares mais seguros e fortalecimento das redes de apoio dentro das próprias instituições de ensino.

O adoecimento dos professores reflete um desafio coletivo. Afinal, quando quem ensina perde as condições de exercer plenamente seu trabalho, toda a comunidade escolar é impactada.

Foi justamente essa reflexão que motivou Arthur V. F. Furtado a transformar anos de pesquisa e vivência em uma obra de ficção. Em “Queimem todos os professores: Contos do labirinto pedagógico-burocrático”, o autor utiliza uma narrativa distópica para retratar situações que, embora ficcionais, dialogam com dilemas bastante presentes na realidade das escolas brasileiras. O livro serve como ponto de partida para uma discussão que ultrapassa a literatura: a urgência de olhar para a saúde mental de quem dedica a vida a formar novas gerações.



Valorizar a educação passa, inevitavelmente, por valorizar seus profissionais. E isso significa compreender que cuidar da saúde emocional dos professores não é apenas uma questão de bem-estar individual, mas um investimento na qualidade da aprendizagem e no futuro da própria sociedade.

QUANDO A TELA OCUPA O LUGAR DA CONVERSA

Especialista alerta que o uso precoce de celulares e tablets pode interferir no desenvolvimento da linguagem infantil e explica como a música e as interações do dia a dia ajudam a estimular a fala

Os primeiros sons de um bebê começam muito antes das primeiras palavras. Ainda na gestação, ele já escuta a voz da mãe, percebe ritmos, reconhece melodias e inicia um processo essencial para o desenvolvimento da linguagem. É justamente por isso que especialistas têm chamado a atenção para um hábito cada vez mais comum dentro das famílias: oferecer telas para crianças muito pequenas como forma de distração.

Se por um lado celulares e tablets parecem acalmar por alguns minutos, por outro podem estar substituindo aquilo que nenhuma tecnologia consegue reproduzir: a troca de olhares, a conversa, o canto e a interação humana.

Pesquisas internacionais reforçam essa preocupação. Um estudo realizado pela Universidade de Toronto, em parceria com o Hospital for Sick Children, no Canadá, identificou que cada 30 minutos adicionais de uso diário de dispositivos móveis aumenta em 49% o risco de atraso na fala expressiva — a capacidade da criança de formar palavras e pequenas frases. No Brasil, o cenário também mudou rapidamente: entre 2015 e 2024, a proporção de crianças de até dois anos conectadas à internet passou de 9% para 44%.

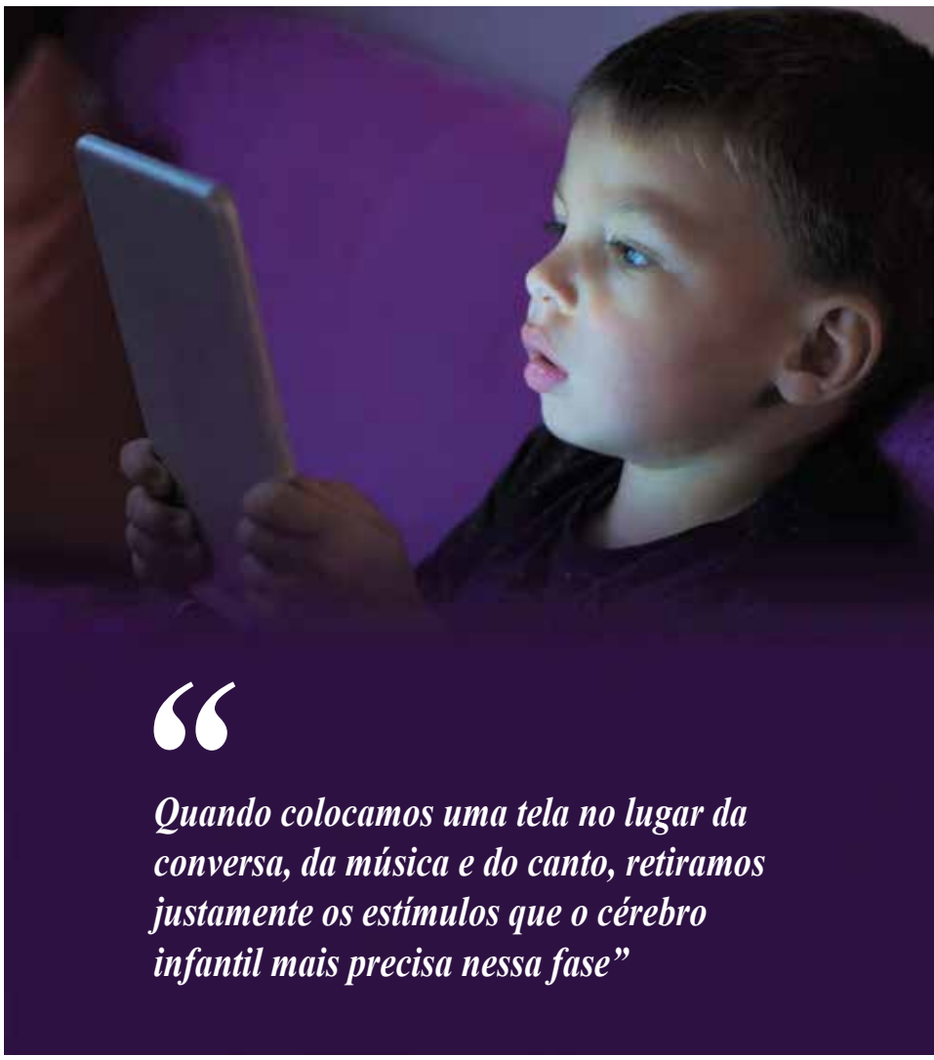


FOTOS: DIVULGAÇÃO

Para a fonoaudióloga e musicista Cintya Soares, o impacto das telas vai além do tempo de exposição. O maior problema está naquilo que elas deixam de oferecer.

"A audição é o primeiro sentido que o bebê desenvolve ainda dentro da vida uterina. Por volta da 20ª à 25ª semana de gestação, ele já começa a perceber os sons externos. Quando colocamos uma tela no lugar da conversa, da música e do canto, retiramos justamente os estímulos que o cérebro infantil mais precisa nessa fase", explica.

A orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria é clara: crianças menores de dois anos não devem ser expostas às telas. Entre dois e cinco anos, o uso deve ser limitado a, no máximo, uma hora por dia, sempre com acompanhamento dos pais ou responsáveis.



"Quando colocamos uma tela no lugar da conversa, da música e do canto, retiramos justamente os estímulos que o cérebro infantil mais precisa nessa fase"

Na prática, alguns sinais podem indicar que vale a pena observar o desenvolvimento da linguagem com mais atenção. Dificuldade para juntar palavras após os dois anos, pouco contato visual durante as brincadeiras, dificuldade de manter a atenção ou irritação intensa quando o aparelho é retirado são comportamentos que merecem acompanhamento. Eles não representam, isoladamente, um diagnóstico, mas podem indicar a necessidade de uma avaliação especializada.

Segundo Cintya, um dos recursos mais simples e eficientes para estimular a comunicação continua sendo um dos mais antigos: cantar.

Mas ela faz uma distinção importante entre deixar uma música tocando ao fundo e transformar esse momento em uma experiência compartilhada.

"O importante não é apenas a criança ouvir. Enquanto alimenta o bebê, cante. Quando estiver com ele no colo, cante também. Nomeie os objetos, faça gestos, olhe nos olhos. A música é o meio, não o fim."

Cantigas populares, músicas curtas, repetitivas e acompanhadas de movimentos costumam ser as mais indicadas para essa fase, justamente porque favorecem a participação da criança. Mais do que ampliar repertório musical, elas fortalecem vínculos, estimulam a atenção conjunta e enriquecem o vocabulário de forma natural.

Ainda assim, a especialista alerta que a música não substitui o acompanhamento profissional quando existem sinais persistentes de atraso na fala.

"A música pode fazer parte do estímulo, mas não substitui a investigação. Se uma criança de dois anos ainda não forma frases simples, vale investigar. Pode ser falta de estímulo, excesso de telas, uma questão auditiva ou outro aspecto do desenvolvimento. O pediatra ou o foniatra é quem vai conduzir essa avaliação."

Para ela, o desenvolvimento infantil acontece de forma mais consistente quando diferentes profissionais trabalham em conjunto. Pediatras, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, musicoterapeutas, educadores e professores de música podem contribuir, cada um dentro de sua área de atuação.

"Nada substitui o trabalho do outro, mas tudo agrega", conclui.



DE VOLTA AO FAZER:

POR QUE OS OFÍCIOS MANUAIS VOLTARAM A ATRAIR OS JOVENS

Em um mundo de telas e inteligência artificial, cursos técnicos, padarias artesanais e feiras de artesanato registram procura crescente

ANA PAULA KUNTZ

A tese circula há alguns anos em reportagens e redes sociais: a geração que nasceu com o smartphone na mão estaria redescobrindo o trabalho manual. Marcenaria, gastronomia, jardinagem, artesanato e fabricação digital aparecem como caminhos de carreira, não apenas hobbies. A pergunta que cabe é se esse fenômeno é real ou narrativa de internet. Os números disponíveis sugerem que há consistência na tendência

O indicador mais forte vem da educação. O Censo Escolar do ano passado, publicado pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, do Governo Federal), registrou 3,19 milhões de matrículas na educação profissional e tecnológica, um salto de 68,4% em relação a 2021, quando eram 1,89 milhão. O SENAI, principal rede de formação industrial do país, contabilizou mais de 225 mil matrículas em 2024 e, na pesquisa de acompanhamento de egressos, apontou que 85,6% dos alunos de cursos técnicos conseguiram emprego nos últimos dois anos, o melhor resultado da série histórica. Em São Paulo, a rede estadual supera 1 milhão de matrículas anuais em 90 unidades.

A demanda por esses profissionais é o outro lado da moeda. O Mapa do Trabalho Industrial 2025-2027, da CNI e do SENAI, estima que o Brasil precisará qualificar 14 milhões de trabalhadores até 2027, com maior carência de profissionais nas áreas de logística, construção, manutenção e metalmecânica. A escassez já é sentida no chão de fábrica: pesquisa da CNI de setembro de 2025 apontou que 69% das indústrias brasileiras relatam dificuldade para contratar. O contraste com o mercado geral é evidente, porque a taxa de desemprego fechou 2025 na mínima histórica de 5,1% e, mesmo assim, as vagas técnicas seguem abertas.

BLINDAGEM CONTRA I.A.

O fenômeno também tem leitura cultural. Levantamentos internacionais mostram que parte da Geração Z passou a enxergar nas profissões manuais uma blindagem contra a automação, já que ofícios como marcenaria, eletricidade e gastronomia são difíceis de substituir por inteligência artificial. A consultoria Deloitte encontrou cerca de 40% dos jovens relatando estresse frequente, o que alimenta a busca por atividades com resultado físico e tangível, fora da tela. Não por acaso, a fabricação digital cresce no mesmo ritmo: o mercado brasileiro de impressão 3D, estimado em US$ 730 milhões em 2025, deve triplicar até 2034, segundo a consultoria IMARC. O ofício manual, assim, não é antítese da tecnologia, mas seu complemento.

CENÁRIO LOCAL

Em Indaiatuba, a tendência encontra terreno fértil. Tendo aproximadamente 269,6 mil habitantes, 99 mil empregados formais e 51,6 mil empresas ativas em agosto de 2026, segundo o Observatório Sebrae, o município tem vocação industrial histórica e rede de formação técnica consolidada. A Escola SENAI "Comendador Santoro Mirone" oferece cursos que vão de panificação, confeitaria e gastronomia a design de mobiliário e fabricação mecânica, exatamente as áreas apontadas como mais demandadas. Na cultura, a Feira de Artesanato da Praça Rui Barbosa reúne 60 barracas todos os sábados, e a prefeitura registrou crescimento de 17,96% no número de empresas da cidade em 2025, movimento em que pequenos negócios de alimentação e artesanato têm peso.

O setor de panificação, inclusive, ilustra em nível nacional a valorização do fazer. São mais de 70 mil padarias no Brasil, um setor que faturou R$ 105,85 bilhões em 2021 e deve chegar a R$ 160 bilhões em 2025, segundo a ABIP (Associação Brasileira da Indústria de Panificação e Confeitaria), com 2,5 milhões de trabalhadores envolvidos. A abertura de novas padarias cresceu 26% em 2025, conforme o Sebrae, puxada pela demanda por pães artesanais e fermentação natural, técnica que exige tempo e mão, o oposto da lógica da automatização. No artesanato de forma mais ampla, o Sebrae estima que a cadeia movimente cerca de R$ 100 bilhões por ano e esteja presente na economia de 67% dos municípios brasileiros, com 686 mil empresas registradas no setor.

BELEZA QUE VEM COM A DUREZA

É preciso, porém, evitar a romantização. O trabalho manual também é informalidade, renda instável e desgaste físico. Grande parte dos artesãos e pequenos produtores não tem carteira assinada nem proteção previdenciária, e o sucesso das redes sociais esconde a maioria que depende de feiras e encomendas para sobreviver. A valorização cultural não substitui políticas de formalização, crédito e qualificação. A tendência é real, os números confirmam, mas transformá-la em oportunidade para todos exige estrutura, não apenas entusiasmo.

O que os dados indicam, em resumo, é que a volta dos ofícios não é moda passageira nem nostalgia: é resposta racional a um mercado que valoriza o que a máquina ainda não faz sozinha.



QUEM ENSINA OS PAIS?

Nunca houve tanta informação sobre educação. E talvez nunca tenha sido tão difícil transformar conhecimento em segurança para educar os filhos.



Houve um tempo em que educar uma criança parecia depender de poucas referências. A própria família, a escola, os vizinhos, algumas revistas e, eventualmente, a orientação de um pediatra formavam boa parte do repertório disponível aos pais. Havia menos respostas prontas e, consequentemente, menos dúvidas sobre qual seria a maneira correta de agir diante de cada comportamento infantil.

Hoje, a situação é praticamente oposta. Basta uma busca na internet para encontrar milhares de explicações sobre sono, alimentação, limites, telas, desenvolvimento, inteligência emocional, autonomia, disciplina, parentalidade consciente, neurodiversidade, brincadeiras e praticamente qualquer comportamento que uma criança possa apresentar. Nunca tivemos tanto acesso ao conhecimento sobre infância e desenvolvimento, mas isso não significa que os pais tenham se tornado mais seguros em suas escolhas. Em muitos casos, parece acontecer justamente o contrário.

A mãe que permite que o filho durma na própria cama encontra uma explicação sobre vínculo e acolhimento, enquanto aquela que estabelece horários mais rígidos encontra especialistas defendendo a importância dos limites. Quem oferece telas sente que pode estar prejudicando o desenvolvimento da criança, enquanto quem restringe seu uso também pode se perguntar se não está criando um filho desconectado da realidade contemporânea. O pai que trabalha muitas horas teme estar ausente, enquanto aquele que reduz a jornada profissional pode questionar se está abrindo mão demais da própria vida.

Em meio a tantas informações, uma pergunta começa a ganhar espaço: **quem está ensinando os pais a serem pais?**

A PARENTALIDADE EXPLICADA

A internet democratizou o acesso a conhecimentos que durante muito tempo ficaram restritos a consultórios, universidades e livros especializados. Isso representa um avanço importante, principalmente quando permite que famílias tenham acesso a informações confiáveis sobre desenvolvimento infantil e consigam reconhecer situações nas quais precisam procurar ajuda especializada.

O problema aparece quando informação e orientação passam a ser confundidas com regras universais. Uma criança que acorda várias vezes durante a noite pode estar atravessando uma fase do desenvolvimento, assim como pode existir uma questão que mereça investigação. Uma birra pode fazer parte de um processo normal de aprendizagem emocional ou revelar uma dificuldade que exige atenção. Um adolescente que não quer conversar pode simplesmente estar buscando mais privacidade, mas também pode estar sinalizando que alguma coisa não está bem.

Para cada uma dessas situações, a internet oferece dezenas de interpretações. O risco é que os pais passem a observar os filhos permanentemente em busca de sinais, tentando descobrir o que cada comportamento significa e qual seria a intervenção correta. A infância, que deveria conter espaço para descoberta, experimentação e imprevisibilidade, pode acabar sendo tratada como um projeto permanente de gerenciamento.

Essa transformação também aparece na maneira como falamos sobre as crianças. Elas precisam ser estimuladas, preparadas, desenvolvidas, acompanhadas e avaliadas. Há cursos, atividades, métodos, brinquedos educativos e aplicativos destinados a potencializar suas capacidades. Até uma brincadeira aparentemente simples pode ser interpretada como uma oportunidade de desenvolver alguma habilidade específica.

Estimular uma criança, naturalmente, não é um problema. A questão está em transformar toda experiência infantil em investimento em desempenho. Quando cada atividade precisa produzir um resultado, até o tempo livre passa a precisar de uma justificativa. Talvez seja importante lembrar que a infância também precisa de momentos que não tenham nenhuma finalidade além de existir. Brincar pode ser apenas brincar, assim como se entediar, inventar uma história, observar uma formiga ou passar uma tarde sem uma atividade planejada também fazem parte do desenvolvimento.



ENTRE INFORMAÇÃO E CULPA

Existe ainda um efeito colateral dessa abundância de conhecimento: a culpa. Quanto mais os pais aprendem sobre a importância da presença, mais podem se sentir culpados pelo tempo que passam trabalhando. Quanto mais conhecem os benefícios da autonomia, mais podem questionar cada vez que ajudam os filhos. Quanto mais estudam sobre limites, mais podem se perguntar se estão sendo rígidos demais; quanto mais aprendem sobre acolhimento emocional, mais podem temer que estabelecer uma consequência seja uma forma de violência.

A informação, que deveria ampliar a capacidade de escolha, algumas vezes produz o efeito contrário. Em vez de oferecer segurança, cria a sensação de que existe sempre uma maneira mais correta de fazer aquilo que acabou de ser feito.

Talvez uma das grandes dificuldades da parentalidade contemporânea esteja justamente na perda de confiança dos adultos em seu próprio julgamento. Não porque os pais saibam menos do que as gerações anteriores, mas porque estão permanentemente expostos a especialistas, pesquisas, relatos e experiências de outras famílias. Sempre existe alguém dizendo que encontrou uma maneira melhor, mais consciente, mais científica ou mais adequada de educar.

O conhecimento especializado tem valor e pode transformar positivamente a relação entre adultos e crianças. Mas uma teoria não conhece integralmente uma família. Ela pode ajudar a interpretar uma situação, mas não substitui a observação da criança real, da história daquela casa, da rotina, das condições concretas e das particularidades de cada indivíduo.

O FILHO COMO PROJETO

Outro aspecto da parentalidade contemporânea é a transformação da infância em um período de preparação constante para o futuro. Os pais querem oferecer oportunidades e desejam que os filhos desenvolvam suas potencialidades. Por isso, aulas de idiomas, esportes, música, teatro, tecnologia, programação e inúmeras outras atividades passaram a ocupar a rotina de muitas crianças.

A questão não está na atividade em si, mas na expectativa que colocamos sobre ela. Quando tudo precisa preparar a criança para alguma coisa, corremos o risco de transformar a infância em uma longa antecipação da vida adulta. A criança não está simplesmente desenhando; está desenvolvendo coordenação motora. Não está apenas contando uma história; está trabalhando linguagem. Não está somente brincando com outras crianças; está desenvolvendo competências socioemocionais.

Existe uma certa beleza em reconhecer que nem tudo precisa servir para alguma coisa. Nem toda experiência precisa ser convertida em habilidade mensurável. A infância também é feita de repetição, tédio, curiosidade, imaginação e tempo aparentemente perdido.



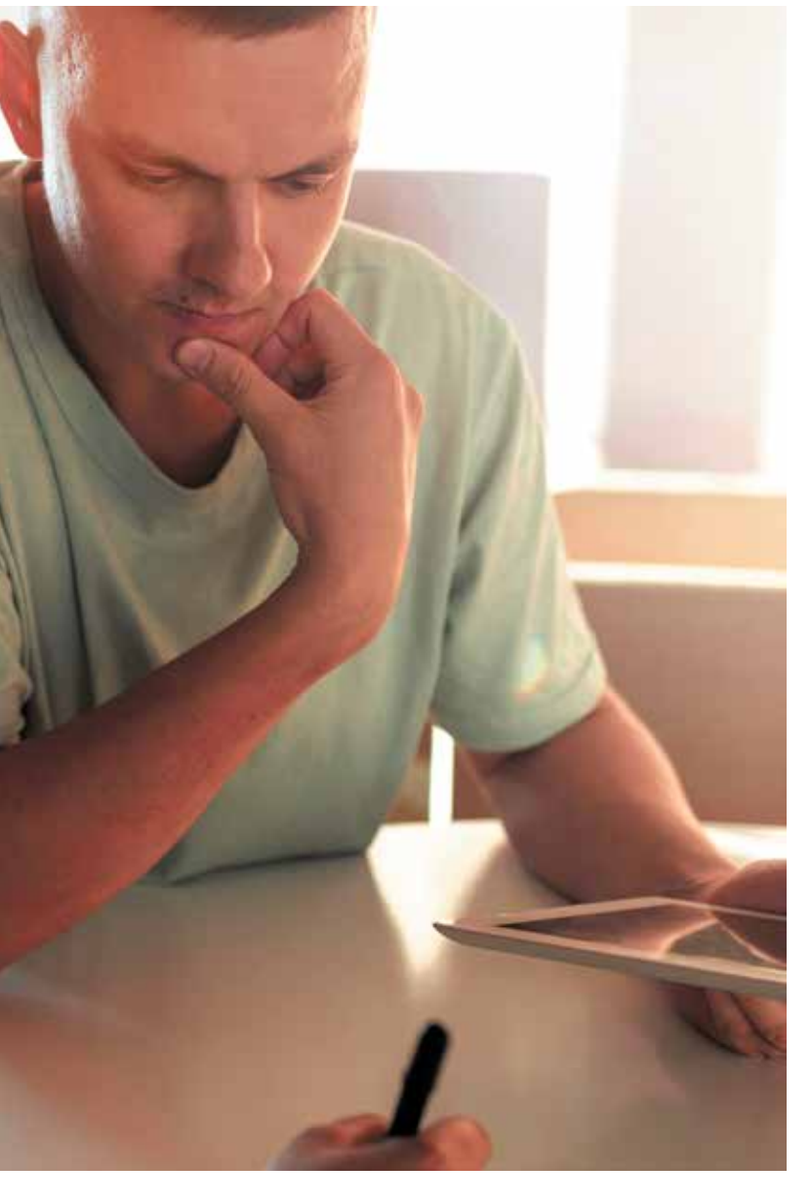
EDUCAR NÃO É EXECUTAR UM MÉTODO

Educar filhos não acontece em um laboratório. Existe o temperamento daquela criança, a história da família, a relação entre os pais, a escola, as condições financeiras, o trabalho, o cansaço e uma infinidade de circunstâncias que nenhuma recomendação consegue contemplar completamente.

Por isso, talvez uma das habilidades mais importantes para os pais atualmente seja aprender a interpretar informação em vez de simplesmente obedecê-la. Conhecer desenvolvimento infantil não significa transformar todo comportamento em sinal de algum problema. Conhecer neurociência não significa explicar cada birra pelo funcionamento cerebral. Conhecer psicologia não significa procurar uma causa profunda para todos os conflitos familiares.

O conhecimento deveria ampliar a capacidade de fazer perguntas e tomar decisões mais conscientes, não transformar cada escolha cotidiana em uma prova na qual os pais podem ser aprovados ou reprovados.

Existe também uma diferença importante entre reconhecer que não sabemos alguma coisa e deixar de nos importar. Um pai ou uma mãe não precisa conhecer todas as teorias sobre educação para construir uma relação saudável com o filho. Precisa estar disposto a observar, escutar, reconhecer erros, mudar de ideia quando necessário e procurar ajuda quando uma situação ultrapassar aquilo que consegue compreender ou manejar sozinho.



QUEM EDUCA QUEM?

Existe uma ironia interessante na relação entre pais e filhos: enquanto os adultos acreditam que estão educando as crianças, a convivência também os transforma. Uma criança ensina seus pais sobre paciência, frustração, negociação e limites. Muitas vezes, também revela aquilo que os próprios adultos carregam de suas histórias pessoais.

É difícil ensinar calma quando se reage constantemente com gritos. É difícil falar sobre respeito enquanto se humilha. É difícil ensinar presença quando o celular ocupa permanentemente o espaço da conversa. Isso não significa que os pais precisem ser perfeitos. Pelo contrário. Talvez uma das aprendizagens mais importantes para uma criança seja descobrir que os adultos também erram, podem pedir desculpas e conseguem reparar uma relação depois de um conflito.

A educação não acontece apenas quando um adulto explica alguma coisa para uma criança. Ela acontece também naquilo que a criança observa diariamente.

COLÉGIO META

Uma história de acolhimento e aprendizagem que segue olhando para o **futuro.**

Há mais de 30 anos, o **Colégio Meta** acompanha estudantes e famílias em uma jornada feita de descobertas, vínculos e conquistas. Sua proposta une excelência acadêmica, acolhimento e inovação com atenção ao desenvolvimento integral de cada aluno.



Da **Educação Infantil ao Ensino Médio**, aprender é **ampliar conhecimentos, conquistar autonomia e encontrar oportunidades para participar do mundo com responsabilidade**. Em cada etapa, a escola busca preservar uma educação próxima e humanizada, ao mesmo tempo em que incorpora novas possilidades para ensinar e aprender.

DUAS UNIDADES *a mesma essência*

O Colégio está presente em Indaiatuba em duas unidades: a Unidade I, no Jd. Regina e a Unidade II, em Itaici. Em 2026, a escola ampliou a estrutura da Unidade II com novos ambientes de aprendizagem e continuou com a modernização dos espaços da Unidade I.

Esses investimentos fazem parte de um compromisso contínuo com **ambientes que apoiem as experiências escolares e acolham a comunidade.** O que conecta as duas unidades é principalmente a **convicção de que cada estudante merece ser visto em sua singularidade e incentivado a construir seu caminho.**



Unidade I



Unidade II

CADA CAMINHO, UMA NOVA **META!**

Conhecimento
para compreender o mundo



Conteúdo acadêmico e experiências de aprendizagem se encontram em uma formação que **estimula** a participação do estudante.



No **Colégio Meta,** os conteúdos escolares se relacionam com perguntas, projetos e desafios que ajudam o aluno a desenvolver seu pensamento. A intenção é criar condições para que ele **aprenda com consistência, ganhe autonomia e reconheça o valor do conhecimento em sua vida e na comunidade.**

amplia

Da Educação Infantil ao Ensino Médio, o Colégio utiliza o material da **Amplia Plataforma de Ensino,** do grupo SOMOS Educação. A proposta da plataforma se apoia em **três pilares:** Excelência Acadêmica, Cidadania e Habilidades de Vida.

Materiais apostilados, recursos digitais e conteúdos pedagógicos apoiam as atividades em cada segmento. A plataforma Amplia busca **estimular o protagonismo do estudante e atualizar as práticas de ensino em diálogo com a realidade que ele vive.**

Aprender também é *participar* !!!





A formação escolar se **fortalece** quando o aluno pesquisa, faz conexões, formula ideias e aprende a comunicar o que descobriu. Por isso, a proposta pedagógica **valoriza** experiências que dão **sentido ao conhecimento** e ajudam cada estudante a **desenvolver uma postura ativa diante do aprendizado.**

CRESCER TAMBÉM É **APRENDER A CONVIVER!**

A formação humana acompanha o percurso acadêmico, **dentro e fora da sala de aula.**





Nas relações com colegas, educadores e famílias, os estudentes **experimentam a escuta, constroem vínculos e ampliam sua compreensão de si e do outro.** Essa dimensão da vida escolar integra o cuidado com o desenvlvimento de cada aluno.

L I V laboratório inteligência de vida

Um olhar para o Socioemocional.

O LIV integra a proposta do **Colégio Meta** como material didático socioemocional em todos os segmentos. Sua presença **reforça** o espaço dedicado a **aprendizagens que dialogam com a convivência e a formação integral, ao lado do percurso acadêmico.**

No Colégio também existem ambientes de aprendizagem para diferentes momentos da trajetória escolar como a **Casa Amarela**, proporcionando aos alunos momentos de fala e escuta , vínculo e conexão e harmonia durante o ensino.

Assim, **tradição e transformação caminham juntas:** a história construída ao longo de mais de três décadas encontra novas formas de **responder às necessidades dos estudantes de hoje e de amanhã.**



#UMA ESCOLA QUE SENTE!

Scaneie aqui

e acesse todas as redes

NOVIDADE 2027

O dialab chega ao COLÉGIO META

Inteligência Artificial como tema de **estudo, investigação e criação.**

A **Inteligência Artificial** já está presente na forma como pesquisamos, criamos e nos comunicamos. Compreender essa tecnologia, suas possibilidades e seus limites **passou a fazer parte da formação de quem vai atuar em um mundo em transformação.**

Do 6° ao 9° Ano

Em 2027, os estudantes do **Ensino Fundamental II**, do 6° ao 9° Ano, utilizarão o **DiaLab** nas aulas da disciplina de Educação Tecnológica. Desenvolvido para o ambiente escolar, o programa apresenta um currículo estruturado de letramento em Inteligência Artificial.



Tecnologia com pensamento crítico

A proposta reúne **materiais didáticos, plataforma digital, projetos práticos e formação docente.** Nas atividades, os estudantes serão convidados a investigar como a IA funciona, refletir sobre seus impactos e aprender a **utilizá-la de maneira ética, crítica e responsável.**

O percurso contempla **pensamento crítico, resolução de problemas, criatividade, pesquisa e produção de conteúdos com apoio da IA.** Também inclui **cidadania digital, privacidade e segurança no ambiente digital.** Ao explorar perguntas e comandos para interagir com a tecnologia, o aluno exercita a clareza do raciocínio e a análise das respostas.

IA

MAIS DO QUE USAR Inteligência Artificial, É APRENDER A COMPREENDÊ-LA!

UNIDADE I - JD. REGINA
R. Hemílio Steffen, 96
Indaiatuba/SP - CEP: 13346-883
(19) 3875-2381 (19) 98180-0068

UNIDADE II - ITAICI
Av. Cor. Antônio Estanislau do Amaral, 1541
Indaiatuba/SP - CEP: 13340-480
(19) 3816-8457 (19) 98180-0095

MUITO ALÉM DO TATAME:

JIU-JITSU TRANSFORMA ROTINA E RELAÇÕES DENTRO DA ESCOLA

Projeto iniciado na Escola Estadual Randolfo Moreira Fernandes usa o esporte para trabalhar disciplina, pertencimento e convivência entre estudantes

GABRIELE DOMINGUES



Em uma escola, nem todo aprendizado acontece diante de um quadro, entre livros ou durante uma aula convencional. Às vezes, ele começa quando o aluno coloca um kimono, pisa no tatame e entende que, para avançar, precisa respeitar regras, reconhecer seus limites e também confiar no outro.

É essa proposta que está sendo experimentada na Escola Estadual Randolfo Moreira Fernandes, em Indaiatuba. No dia **30 de setembro, o projeto de jiu-jitsu completou cinco meses**, levando a prática esportiva para o contraturno dos estudantes e transformando a quadra da escola em um novo espaço de aprendizagem e convivência.

O projeto surgiu como uma extensão das ações preventivas já desenvolvidas nas unidades escolares, ampliando o trabalho realizado pelo **GCI na Escola**, que aborda temas como bullying, prevenção ao uso de drogas, violência doméstica e cidadania. A proposta incorpora o esporte como mais uma ferramenta de aproximação com os estudantes e de promoção da disciplina, do respeito e da convivência.

A iniciativa começou em **30 de abril**, com a aula inaugural na Escola Estadual Randolfo Moreira Fernandes, e atualmente reúne 26 alunos. As aulas acontecem às terças e quintas-feiras, às 19h, no contraturno, com estudantes dos períodos da manhã e da tarde.

Mais do que ensinar uma modalidade esportiva, o projeto nasceu com a intenção de trabalhar aspectos que fazem parte da formação dos jovens. A escolha dos participantes, por exemplo, foi feita pela direção e pela coordenação da escola, mesclando estudantes que precisavam melhorar o comportamento com outros que apresentavam bom desempenho e poderiam aproveitar a oportunidade.

A permanência no projeto também está relacionada à convivência escolar. Segundo o guarda civil Murillo Ferreira, um dos responsáveis pela iniciativa, os alunos precisam manter um bom comportamento na escola para continuar participando das atividades.

“A gente quer elevar a disciplina dos alunos e, para isso, o comportamento deles também precisa melhorar na escola. Se não houver essa mudança, eles podem perder a vaga no projeto.”

QUANDO O ESPORTE CRIA PERTENCIMENTO

Um dos aspectos que mais chamam a atenção nos primeiros meses do projeto é a adesão dos estudantes. Segundo Murillo, a turma registra cerca de **90% de presença**.

O número ganha significado quando observado para além da frequência. Para uma escola, conseguir fazer com que o estudante queira permanecer naquele espaço também é uma questão educacional.

Murillo conta que alguns alunos que inicialmente demonstravam desconfiança em relação à presença da Guarda Civil na escola passaram a estabelecer uma relação diferente depois da experiência com o jiu-jitsu.

Um dos estudantes, segundo ele, inicialmente o observava com estranhamento. Depois de entrar para o projeto, passou a treinar, recebeu seu kimono e construiu uma relação de proximidade com os responsáveis pelas aulas.

“Agora, quando eu vou treinar lá, eles querem tirar foto comigo, querem tirar foto com o China. É uma relação muito diferente da que existia no começo.”, relata.

A mudança é simbólica. O profissional que antes era associado pelos estudantes à figura de autoridade passa a ocupar outro lugar: o de alguém que participa da comunidade escolar, compartilha uma atividade e constrói vínculos.

“A gente vai criando uma relação muito próxima com eles. Vira uma família”, resume Murillo.

JIU-JITSU COMO FERRAMENTA EDUCATIVA

A proposta também parte de uma característica própria da modalidade: a necessidade de tomar decisões sob pressão, respeitar o adversário e reconhecer o momento de continuar ou interromper uma ação.

Murillo começou a praticar jiu-jitsu há pouco mais de um ano e vê na modalidade ensinamentos que ultrapassam o esporte. Para ele, a experiência ajuda a desenvolver resiliência e respeito mútuo.

“O jiu-jitsu deixa você extremamente gentil, porque, quando você oferece seu corpo para lutar com outra pessoa, existe um respeito mútuo. Ela está oferecendo o corpo dela e você, o seu”

É justamente essa dimensão que interessa quando o esporte entra no ambiente educacional. O tatame passa a ser também um espaço para trabalhar regras, limites, responsabilidade e convivência.

O projeto conta com o apoio da Secretaria de Esportes, que disponibiliza o professor de Educação Física e faixa-preta de jiu-jitsu Guilherme China Gardinalli para participar dos treinamentos e conduzir as aulas junto com Murillo. A iniciativa também conta com a colaboração de voluntários e de Guardas Civis com graduação na modalidade, que auxiliam nas atividades.



UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRA

O futuro da formação passa pela experiência, pela ciência e pela diversidade

FLÁVIA GIRARDI



À frente da Universidade de Aveiro (UA) desde maio deste ano, o reitor Artur Manuel Soares da Silva construiu praticamente toda a sua trajetória acadêmica na instituição. Professor catedrático do Departamento de Química, doutor em Química Orgânica e com experiência em ensino, investigação e gestão universitária, chega à Reitoria com uma proposta que resume em uma ideia: crescer com qualidade e sustentabilidade.

Em entrevista ao Anuário de Educação do *Mais Expressão*, Silva fala sobre os desafios da educação diante da inteligência artificial, a necessidade de currículos mais flexíveis e interdisciplinares, a formação para além do primeiro emprego e a aproximação entre Portugal e Brasil. A UA mantém cerca de 60 acordos e protocolos com instituições brasileiras, soma quase 5 mil publicações em coautoria na última década e conta atualmente com 923 estudantes brasileiros. A universidade também amplia iniciativas como o *Professores Sem Fronteiras, o Gestores Sem Fronteiras* e o recém-criado *Alunos Sem Fronteiras*.

Mais Expressão: Sua relação com a Universidade de Aveiro começou nos anos 1980. O que essa trajetória representa ao assumir a Reitoria?
Artur Manuel Soares da Silva: A minha relação com a Universidade de Aveiro começou ainda nos anos 80 e, desde então, praticamente todo o meu percurso académico e profissional foi construído aqui. Concluí a licenciatura em Ensino de Física e Química em 1987 e, ainda enquanto estudante, fui monitor e bolseiro de iniciação à investigação no Departamento de Química. Doutorei-me em Química Orgânica, na Universidade de Aveiro, em 1993, e sou Professor Catedrático do Departamento de Química desde 2001. Ao longo destes anos, fui assumindo diferentes responsabilidades no ensino, na investigação e na gestão. Chegar à Reitoria é a continuação de um percurso de quase quatro décadas e uma oportunidade para colocar essa experiência ao serviço de uma instituição que conheço muito bem.

Mais Expressão: O senhor resume a orientação do mandato em “crescer com qualidade e sustentabilidade”. O que isso significa?
Artur Manuel Soares da Silva: Queremos continuar a afirmar a Universidade de Aveiro no ensino, na investigação, na inovação e na cooperação com a sociedade, garantindo simultaneamente melhores condições para quem aqui estuda, ensina, investiga e trabalha.

Mais Expressão: Como a universidade deve responder ao avanço da inteligência artificial e da transformação digital?
Artur Manuel Soares da Silva: Isso obriga as universidades a refletir sobre a forma como ensinam e sobre o que ensinam. Precisamos garantir que os cursos respondem às transformações da sociedade e aos novos perfis profissionais, integrar a inteligência artificial e outras ferramentas digitais na formação, eliminar redundâncias e criar percursos mais coerentes, flexíveis e interdisciplinares.

Mais Expressão: Em um mercado de trabalho que muda rapidamente, o que a universidade deve formar além de um profissional preparado para o primeiro emprego?
Artur Manuel Soares da Silva: Uma universidade não pode formar apenas para o primeiro emprego. Deve preparar os estudantes para aprenderem ao longo da vida, pensarem criticamente, trabalharem com pessoas de diferentes áreas e culturas e intervirem de forma responsável na sociedade. Por isso, o desenvolvimento integral dos estudantes também constitui uma prioridade deste mandato.

Mais Expressão: A Universidade de Aveiro tem uma relação próxima com o Brasil. Qual é hoje a dimensão dessa parceria?
Artur Manuel Soares da Silva: A relação é muito forte e desenvolve-se em várias dimensões: ensino, investigação, mobilidade, formação avançada e propriedade industrial. Temos cerca de 60 acordos e protocolos em vigor com instituições brasileiras. Nos últimos 10 anos, foram produzidas perto de 5 mil publicações em coautoria entre investigadores da UA e de instituições brasileiras, com filiação em mais de 250 instituições do país.

Mais Expressão: Essa presença brasileira também aparece no cotidiano da universidade?
Artur Manuel Soares da Silva: Sem dúvida. Em setembro deste ano, tínhamos 923 estudantes brasileiros, distribuídos por diferentes tipos de formação. A Universidade contava ainda com 50 docentes, investigadores e outros trabalhadores brasileiros e 86 bolseiros brasileiros, distribuídos por departamentos, escolas, unidades de investigação e serviços.

Mais Expressão: O que projetos como o *Professores Sem Fronteiras e o Gestores Sem Fronteiras* acrescentam a essa relação?
Artur Manuel Soares da Silva: Não se trata apenas de mobilidade. Há uma verdadeira partilha de conhecimento e experiências entre os sistemas educativos dos dois países, permitindo conhecer diferentes currículos, metodologias e contextos e refletir sobre aquilo que podemos aprender uns com os outros. É uma troca particularmente enriquecedora porque é recíproca.

Mais Expressão: Agora essa aproximação chega também aos estudantes do ensino fundamental e médio, com o Alunos Sem Fronteiras. Qual é a proposta?
Artur Manuel Soares da Silva: O programa destina-se a estudantes brasileiros do ensino fundamental e médio, proporcionando-lhes um período na Universidade de Aveiro com uma componente educativa, cultural e de descoberta da Universidade e da cidade. Terão oportunidade de conhecer o campus, visitar departamentos e laboratórios e participar em atividades na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro, nomeadamente em laboratórios STEAM e espaços maker.



Mais Expressão: Para um estudante brasileiro que deseja estudar em Portugal, quais são as possibilidades de ingresso?
Artur Manuel Soares da Silva: Qualquer estudante brasileiro pode candidatar-se aos cursos de mestrado e doutoramento da Universidade de Aveiro, independentemente da existência de um convénio específico entre instituições. A candidatura é feita online e os candidatos com graus obtidos no estrangeiro devem apresentar os documentos académicos devidamente apostilados.

Mais Expressão: E para a graduação, o ENEM pode ser utilizado?
Artur Manuel Soares da Silva: Sim. Os estudantes brasileiros podem utilizar os resultados do ENEM para se candidatarem aos cursos de licenciatura da Universidade de Aveiro, através do Concurso Especial para Estudantes Internacionais. São aceitos resultados do ENEM, do International Baccalaureate Diploma Programme e do SAT realizados nos últimos cinco anos.

Mais Expressão: Que universidade o senhor deseja entregar em 2030?
Artur Manuel Soares da Silva: Queremos chegar a 2030 com uma Universidade de Aveiro ainda mais forte cientificamente, pedagogicamente distintiva, mais internacional e mais próxima da sociedade, mas também mais preparada para cuidar das pessoas que fazem a Universidade.

Mais Expressão: Que mensagem deixaria aos estudantes brasileiros que sonham estudar na Universidade de Aveiro?
Artur Manuel Soares da Silva: Estudar fora é sempre um desafio, mas é também uma oportunidade extraordinária de crescimento. Estamos disponíveis para receber todos aqueles que queiram fazer esse caminho de descoberta na Universidade de Aveiro.

CIÊNCIA QUE ATRAVESSA FRONTEIRAS

Parceria entre a Universidade de Aveiro e a Amado Maker aproxima professores, gestores e estudantes brasileiros de novas experiências em educação STEM

FLÁVIA GIRARDI

A educação também pode ser uma forma de atravessar fronteiras. Não apenas as geográficas, mas aquelas que ainda separam a escola da universidade, a teoria da experiência e o conhecimento científico da vida cotidiana.

É nesse território que se desenvolve, desde 2023, a parceria entre a Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro, da Universidade de Aveiro, e a Amado Maker. A colaboração reúne intercâmbio, formação de professores e gestores, inovação pedagógica e, agora, uma nova frente voltada diretamente aos estudantes.

Um dos principais resultados da parceria foi o Professores sem Fronteiras. Em 2024, duas turmas levaram 68 professores de seis municípios brasileiros a Portugal, em uma experiência de formação em educação STEM — ciência, tecnologia, engenharia, artes e matemática. A iniciativa também deu origem ao Gestores sem Fronteiras, que reuniu outros 40 gestores de escolas de Fortaleza.

Para Pedro Pombo, diretor da Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro, o intercâmbio vai além da formação profissional. "Estes intercâmbios têm três objetivos principais: dar a conhecer conteúdos educativos STEM, promover a formação dos professores em metodologias ativas centradas na aprendizagem das STEM e promover o patrimônio cultural de Portugal."

Na prática, a formação combina teoria e experimentação. A programação inclui sessões sobre educação STEM em sala de aula, visitas à Fábrica Ciência Viva, escolas, laboratórios e espaços maker, além de oficinas de robótica, impressão 3D, stop motion, eletricidade, microeletrônica e construção de máquinas com materiais reciclados.

A experiência também passa pela cultura. Os participantes conhecem Aveiro e outras cidades portuguesas, visitam espaços históricos e científicos e entram em contato com diferentes contextos educativos. A ideia é que a formação não aconteça apenas em uma sala, mas em uma imersão capaz de ampliar repertórios.

O resultado, segundo Pombo, abriu espaço para uma nova etapa. "O futuro é crescer este programa de modo a envolver também os alunos", afirma.

É daí que nasce o Alunos sem Fronteiras, projeto que amplia a experiência dos professores para estudantes do ensino secundário. A previsão é receber, em novembro, alunos de escolas de Benavides e, em abril de 2027, uma turma de Aracati. Para março de 2027, também está prevista uma nova edição do Professores sem Fronteiras.

Para os estudantes, a proposta é conhecer não apenas um novo país, mas outros modos de aprender. Eles terão contato com a Fábrica, com a Universidade de Aveiro, seus departamentos e ambientes acadêmicos, além das experiências científicas e culturais da região.

"Para os alunos, este intercâmbio será uma experiência de vida única que vai marcar estes alunos para toda a vida", afirma Pombo. Segundo ele, a vivência reúne formação científica, cultura, novas pessoas e novos espaços, criando uma experiência "muito positiva e inspiradora".

Para a Fábrica Ciência Viva, a parceria também representa uma possibilidade de apresentar aos estudantes brasileiros o universo da ciência e da própria Universidade de Aveiro. "Os alunos vão conhecer o campus, vão visitar alguns departamentos, vão sentir o ambiente universitário de Aveiro e vão, obviamente, também conhecer a cidade de Aveiro e conhecer os cursos que a universidade tem."

A parceria, assim, não se resume a levar brasileiros a Portugal ou trazer metodologias de um país para outro. Existe uma troca de experiências, conhecimentos e perspectivas. "Cada um investe conhecimento, experiência, tempo, paixão, e isso faz um ganho mútuo às duas entidades", resume Pombo.



Pedro Pombo, equipe da Amado Maker e professores de Fortaleza, durante uma das etapas do intercâmbio que aproxima Brasil e Portugal por meio da educação e da ciência.

AZUL APROXIMA ESTUDANTES DO UNIVERSO DA AVIAÇÃO POR MEIO DA EDUCAÇÃO

Companhia conecta jovens ao mercado de trabalho, à aviação e a novas experiências educacionais

FLÁVIA GIRARDI

A Azul vê a educação como uma ferramenta capaz de ampliar horizontes e transformar possibilidades em caminhos concretos. Nesse contexto, a aviação pode aproximar estudantes de novos conhecimentos, culturas, profissões e perspectivas de futuro.

Para Antônio Dibai, diretor de Pessoas da Azul, vivenciar novas experiências amplia o aprendizado para além da sala de aula. "Acreditamos que a educação tem o poder de ampliar horizontes e transformar possibilidades em caminhos concretos. E a aviação pode ser uma importante ponte nesse processo, conectando estudantes a novos conhecimentos, culturas, profissões e perspectivas de futuro", afirma.

Segundo o executivo, o contato com novos ambientes também pode despertar interesses que ainda não faziam parte do repertório dos jovens. "Ele amplia seu repertório, desperta a curiosidade e passa a enxergar possibilidades que, muitas vezes, ainda não faziam parte do seu universo", explica.

É nesse sentido que a companhia abre as portas da Universidade Corporativa e do hangar da Azul para aproximar estudantes do universo da aviação. A proposta conecta teoria e prática e permite conhecer diferentes profissões, tecnologias e trajetórias.

Uma iniciativa nessa direção levará cerca de vinte estudantes de escolas públicas de Benevides, no Pará, a um intercâmbio educacional em Aveiro, Portugal. O grupo visitará a Universidade de Aveiro e a Fábrica da Ciência Viva. O projeto é realizado em parceria com a Amado Maker Editora. Antes da viagem, os estudantes também conhecerão o hangar e as instalações da Azul em Viracopos.



Marcelo Amado com equipe da UniAzul



Antônio Dibai, diretor de Pessoas da Azul

Marcelo Amado, da Amado Maker Editora, destaca o valor formativo da experiência: "Queremos que os estudantes conheçam novos espaços de aprendizagem e percebam que podem imaginar futuros que talvez ainda não fizessem parte de seus horizontes. Essa vivência começa antes mesmo da viagem, no contato com a aviação e com as pessoas que fazem esse trabalho acontecer."

Para Dibai, aproximar os jovens desses espaços ajuda a transformar informações em experiências concretas. "O contato com novos ambientes, profissionais e realidades transforma aquilo que poderia ser apenas uma informação em algo vivido, despertando perguntas, interesses e novas formas de enxergar o mundo."

A companhia também relaciona esse trabalho à sua responsabilidade social e à capacidade de conectar pessoas, lugares e conhecimentos. "Quando usamos aquilo que temos de mais genuíno: nossa capacidade de conectar pessoas, lugares e conhecimentos, para proporcionar novas experiências de aprendizagem, contribuímos para algo que vai além de uma visita: ajudamos a ampliar o horizonte de possibilidades", afirma o executivo.

APRENDER UMA NOVA LÍNGUA É AMPLIAR POSSIBILIDADES

Em diferentes fases da vida, o idioma deixa de ser apenas conhecimento e passa a ser ferramenta para se comunicar, pensar, criar, conquistar autonomia e acessar novos mundos

Há aprendizados que começam muito antes de uma prova, de um certificado ou de uma necessidade profissional. Aprender uma nova língua é um deles. Para uma criança, pode começar em uma brincadeira, em uma música ou na descoberta de uma palavra diferente. Para um adolescente, pode estar ligado à curiosidade pelo mundo. Para um adulto, talvez seja a realização de um sonho, uma viagem, uma nova oportunidade profissional ou simplesmente a vontade de não depender de traduções para acessar aquilo que deseja. O idioma é o mesmo. O propósito muda.

É justamente nessa compreensão que está a diferença entre oferecer aulas de inglês e ser, de fato, uma escola especializada em idiomas. “Ensinar uma língua é muito diferente de simplesmente oferecer aulas”, afirma Lucimara Andriani, diretora do Yázigi Indaiatuba, escola que há 28 anos atua no ensino de idiomas.

Para ela, o inglês não pode ser tratado apenas como mais uma disciplina escolar. Aprender uma língua envolve linguagem, cognição, cultura, interação, memória e emoção e, principalmente, propósito. Afinal, antes de aprender palavras e estruturas, existe uma pergunta essencial: o que quero comunicar e com quem quero falar?

Essa perspectiva muda também o olhar sobre o próprio processo de aprendizagem. Uma escola especializada precisa compreender não apenas o que ensinar, mas como as pessoas aprendem em diferentes momentos da vida.

Uma criança de quatro anos, um adolescente que começa a pensar no futuro, um profissional que precisa do inglês para a carreira ou um adulto que deseja viajar têm repertórios, motivações e necessidades completamente diferentes. Por isso, a especialização passa por metodologia, professores preparados, progressão pedagógica, acompanhamento e uma visão de longo prazo.



A exposição é importante, mas precisa estar inserida em uma experiência pedagógica intencional, com objetivos, interação, progressão e avaliação. É aí que uma escola especializada transforma o inglês de uma disciplina ou atividade em uma competência que se constrói ao longo do tempo.

QUANDO APRENDER TAMBÉM É DESCOBRIR



Na infância, essa construção ganha uma dimensão ainda mais ampla. Crianças não aprendem simplesmente por receber informações. Elas experimentam, brincam, movimentam-se, criam, imaginam, testam hipóteses e atribuem significado ao que descobrem.

Por isso, ensinar inglês para crianças não significa oferecer uma versão simplificada da aula de um adulto. Significa compreender o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor daquela fase e fazer desses elementos parte da própria experiência de aprendizagem.

No Yázigi, essa proposta parte da ideia de que o inglês pode ser uma ferramenta para desenvolver competências que ultrapassam o domínio linguístico. Ao aprender a se comunicar em outro idioma, a criança também pode aprender a ouvir o outro, negociar significados, lidar com o erro, experimentar diferentes formas de expressão e perceber que existem diferentes maneiras de pensar e viver.

E há ainda uma dimensão especialmente contemporânea: o pensamento computacional.

O conceito não está restrito a computadores ou programação. Ele envolve uma forma de organizar o pensamento: decompor desafios, reconhecer padrões, estruturar informações, estabelecer sequências, testar possibilidades e rever estratégias.

Na prática, essa lógica está presente também na aprendizagem de uma língua. A criança reconhece sons, identifica padrões, relaciona palavras e significados, constrói frases, testa hipóteses e encontra estratégias para se comunicar.

Aprender uma língua, portanto, também pode ser aprender a pensar sobre como resolver problemas.

É uma mudança importante de perspectiva. O idioma deixa de ser apenas algo a ser memorizado e passa a ser um contexto para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional.

Há, ainda, uma diferença fundamental entre ludicidade e falta de intencionalidade. Uma atividade pode ser divertida, envolvente e, ao mesmo tempo, profundamente pedagógica. O desafio está justamente em saber quando brincar, quando intervir, quando provocar uma descoberta e como transformar uma experiência simples em uma oportunidade de real de aprendizagem. No centro de tudo está a confiança.

Quando uma criança percebe que consegue se comunicar em outra língua, ela também começa a perceber que é capaz de tentar, errar, reformular e continuar. Essa sensação de competência não fica restrita à aula de inglês. Ela acompanha a criança.



O INGLÊS QUE CABE NA VIDA REAL

Para o adulto, aprender uma nova língua raramente acontece em um cenário ideal. Existe trabalho, família, compromissos, deslocamentos e uma agenda que parece sempre cheia.

Por isso, o desafio não é apenas ensinar. É criar uma experiência de aprendizagem que faça sentido dentro da vida real.

“Ele não quer necessariamente encaixar a vida em torno do curso. Ele espera que o curso seja inteligente o suficiente para caber na vida dele”, observa Lucimara.

É nesse contexto que ganham importância horários e formatos capazes de atender diferentes rotinas, incluindo opções pela manhã e à noite.

Mas existe uma diferença importante entre flexibilidade e falta de estrutura. A conveniência pode facilitar a entrada do aluno, mas é a consistência pedagógica que sustenta sua evolução.

Tecnologia, aplicativos, vídeos, jogos, redes sociais e inteligência artificial ampliaram enormemente o contato cotidiano com o inglês. Nunca houve tanta exposição à língua. Mas exposição, sozinha, não significa necessariamente proficiência.

Da mesma forma, o uso crescente do termo “bilíngue” no mercado educacional merece atenção. Ter momentos de contato com o inglês é rico e pode ampliar repertórios, mas isso não significa automaticamente desenvolver competência linguística em dois idiomas.

Mais importante do que o rótulo é entender qual é o projeto linguístico, quais competências serão desenvolvidas, como a evolução será acompanhada e o que o aluno efetivamente conseguirá fazer com a língua.

No fim, a pergunta mais interessante talvez não seja quanto inglês uma pessoa aprendeu. É o que ela passou a conseguir fazer porque aprendeu inglês.

UMA JORNADA QUE MUDA COM O TEMPO

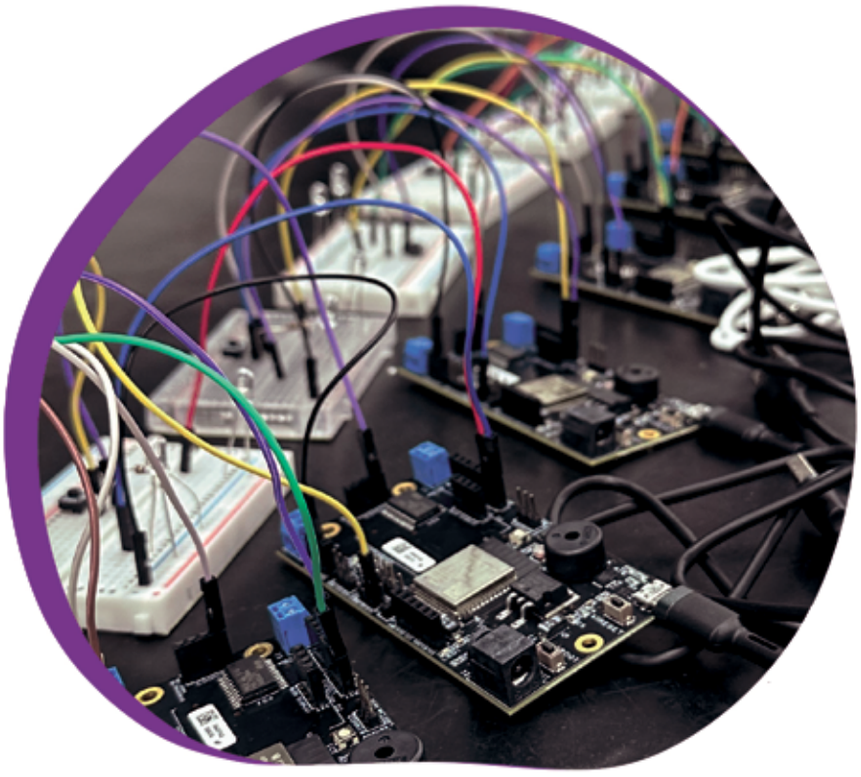
O aluno, entretanto, não permanece o mesmo. E uma escola que pretende ensinar pessoas e não apenas conteúdos, precisa acompanhar essa transformação.

A criança curiosa se torna um adolescente que consome música, filmes e conteúdos em inglês. Depois, pode precisar do idioma para uma universidade, um intercâmbio ou uma oportunidade profissional. Na vida adulta, os objetivos novamente se transformam.

Uma promoção. Uma reunião. Uma apresentação. Uma entrevista. Uma viagem. Uma certificação. Um projeto internacional. Ou simplesmente a realização de um desejo antigo. “O idioma é o mesmo, mas a razão para aprendê-lo muda”, resume Lucimara.

YÁZIGI
VOCÊ CIDADÃO DO MUNDO
Inglês
Espanhol
Italiano
Francês
Rua Sete de Setembro, 369
Vila Sfeir – Indaiatuba/SP
(19) 3394-0035
indaiatuba@yazigi.com
www.yazigi.com.br/indaiatuba
@yazigiindaiatubaoficial

AMADO BOARD



A AmadoBoard é uma placa de desenvolvimento voltada para projetos de eletrônica, programação e aprendizagem prática.

A placa conta com Wi-Fi e Bluetooth integrados, além de LEDs, botões, buzzer, sensores analógicos e conexões para motores e servos, permitindo desenvolver projetos que vão desde experiências simples de eletrônica até sistemas mais interativos e conectados. A alimentação e a comunicação com o computador podem ser feitas por meio de uma porta USB-C.

D-BLOCKS

EDUCAÇÃO DIGITAL

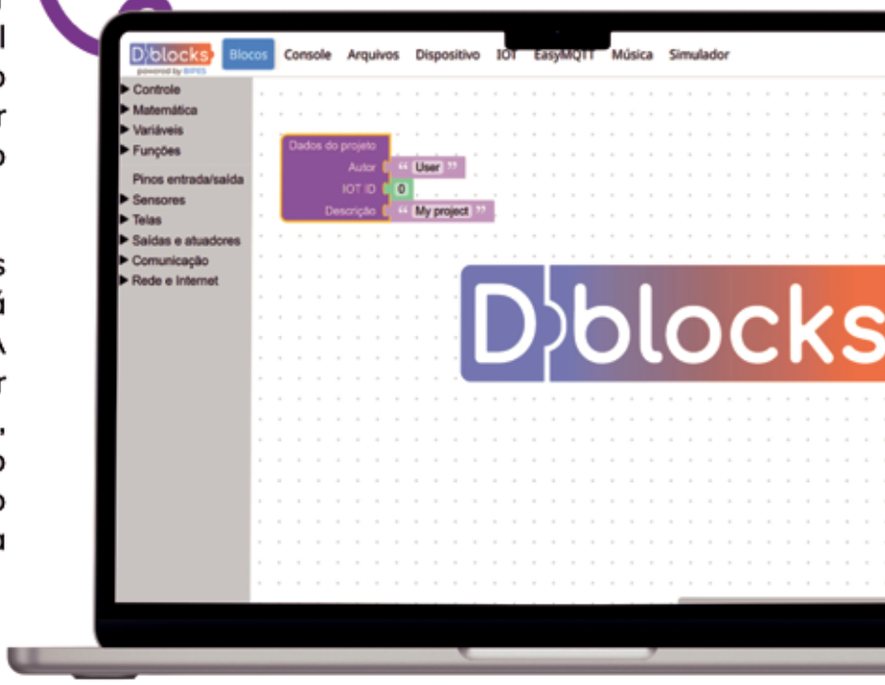
PARA QUEM QUER

PROGRAMAR

O FUTURO!

Para acompanhar a AmadoBoard, a plataforma D-BLOCKS permite desenvolver programas por meio de uma linguagem visual baseada em blocos. Em vez de escrever código linha por linha, o usuário pode combinar comandos gráficos para definir o comportamento da placa.

A proposta é tornar a programação mais acessível, especialmente para quem está dando os primeiros passos na área. A plataforma funciona online e permite criar projetos de forma visual e interativa, estabelecendo uma ligação direta entre aquilo que é programado no computador e o comportamento dos componentes físicos da AmadoBoard.



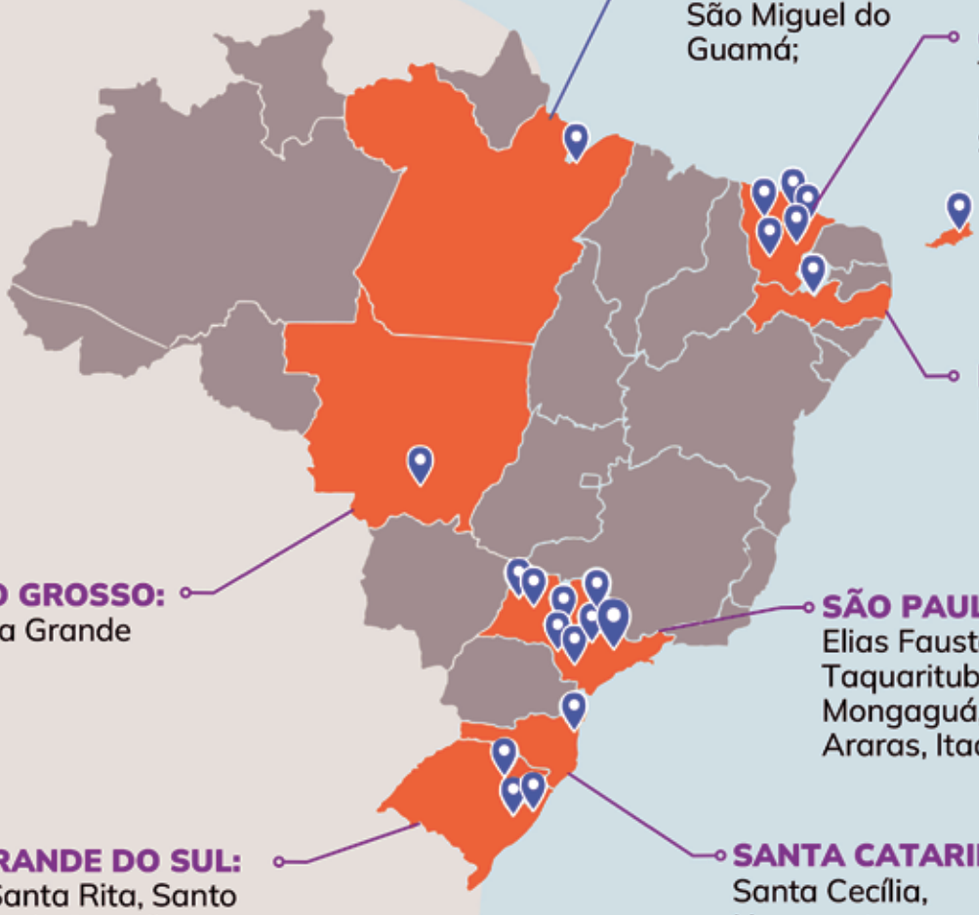
ONDE ATUAMOS

+ 20 CIDADES
6 ESTADOS BRASILEIROS

+ 250 ESCOLAS

+ 285.000 ALUNOS

+ 4.500 EDUCADORES FORMADOS



PARÁ:
Benevides,
São Miguel do
Guamá;

CEÁRA:
Tauá, Aracati, Fortaleza,
Itapipoca, Morada Nova,
Sobral;

PERNAMBUCO:
Fernando de Noronha

MATO GROSSO:
Várzea Grande

SÃO PAULO:
Elias Fausto, Indaiatuba, Monte Mor,
Taquarituba, Jundiaí, Tatuí, Juquiá,
Mongaguá, Lins, Promissão, Americana,
Araras, Itaquaquecetuba

RIO GRANDE DO SUL:
Nova Santa Rita, Santo
Antônio da Patrulha,
Passo Fundo;

SANTA CATARINA:
Santa Cecília,
Navegantes;

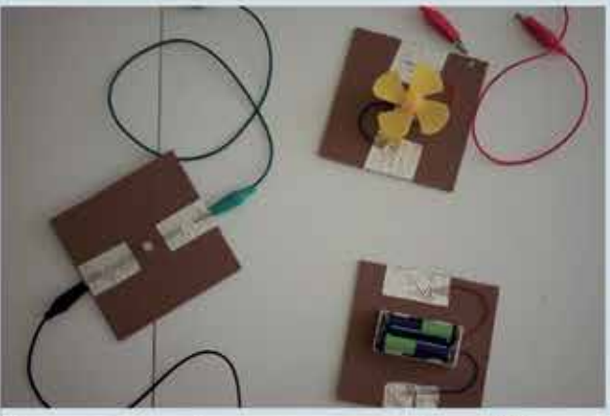
amado Maker
Portugal

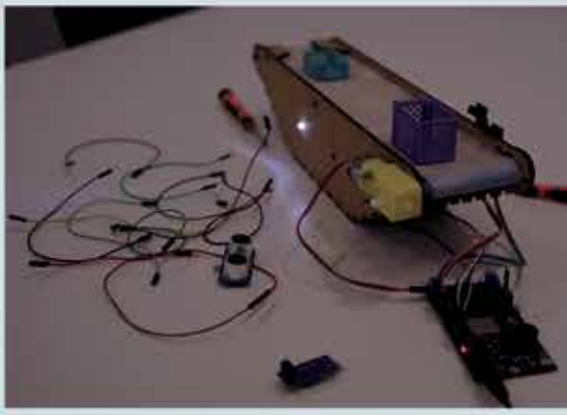


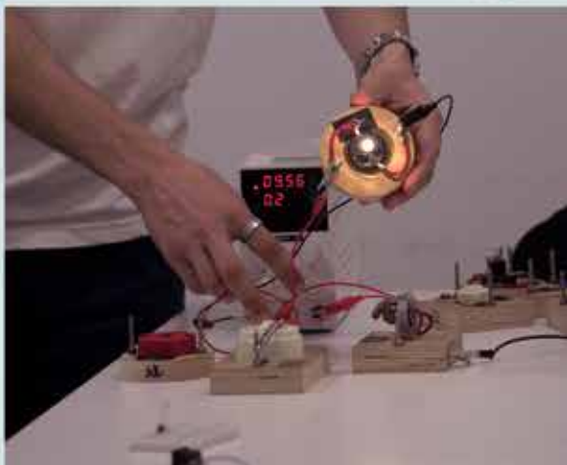
A Amado Maker é especializada na implementação de ecossistemas educacionais baseados na metodologia Maker, com forte atuação na educação pública. Desenvolve materiais didáticos e soluções em tecnologia educacional, implanta Laboratórios Multiuso de Metodologias Ativas e atende desde a Educação Infantil até a EJA. Também oferece formação técnica e pedagógica, além de assessoria contínua para apoiar a aplicação dos projetos nas instituições de ensino.

A Amado Maker Portugal desenvolve e implementa projetos educativos baseados nas metodologias STEAM e na filosofia Maker. Atua na conceção de atividades, recursos pedagógicos e espaços educativos, integrando tecnologias educacionais para proporcionar experiências de aprendizagem inovadoras, práticas e criativas. As duas empresas partilham a mesma visão de valorização da aprendizagem ativa, adaptando as suas soluções aos diferentes contextos educativos.

@amadomaker
www.amadomaker.com.br







ESPIRAL

TRILHAS DE APRENDIZAGEM

EDIÇÃO AMPLIADA



O que torna essa edição essencial?

- Planejamento estruturado para todo o ano letivo
- Alinhamento às habilidades e competências da BNCC
- Apoio pedagógico para a prática do professor
- Propostas práticas, investigativas e significativas
- Flexibilidade para diferentes contextos de aprendizagem
- Integração entre conhecimento, criatividade e inovação



Cada livro acompanha um baú de insumos com os materiais necessários para a realização das atividades, apoiando o professor na condução de propostas que favorecem a autonomia, a ludicidade e a participação ativa dos alunos.



Entre em contato conosco e saiba mais!

@amadomaker
www.amadomaker.com.br

amado maker

Nossa escola Bilíngue

Aprendizado que **inspira.** Formação que **transforma.**



MONTREAL
BILÍNGUE

(19) 3835-5605

NO PARQUE ECOLÓGICO, A 1 KM DO CENTRO!
Av. Engenheiro Fábio Roberto Barnabé, 287 - Indaiatuba/SP

MATRÍCULAS ABERTAS!

Acesse: **colegiomontreal.com.br**

OXFORD QUALITY



escola do Parque ecológico

Você no melhor lugar, sempre!

Mais de 21.000 m² de infraestrutura para seu filho.

estudenoparque.com.br (19) 3825-8801

OXFORD QUALITY

Proudly working in collaboration with Oxford University Press
A department of the University of Oxford

Poliedro Educação

K-12 TEXAS TECH

BRIGHT FUTURES

O PROGRAMA BILÍNGUE DA OXFORD UNIVERSITY PRESS

PROUD USER OF NATIONAL GEOGRAPHIC LEARNING

Proyección com SANTILLANA ESPAÑOL

VIA EDUCATION

L I V laboratório inteligência de vida

educacross

CAP COLLEGE ADVISING PROGRAM

evolucional

ESTABELECIMENTO GUSTAVO BORGES CREDENCIADO

Centro Musical Harmos